

QUERIDO
RA
VOCE
MDM

DI CARVALHO EDUARDO
eduardo@letraria.com

DESCULPEM
TRANSTORN
ESTAMOS
EM FORMA
REFORMA
PARA MELHOR
ATENDE-LOS

PIERNA MARIA SOARES BERGAMASCO
pierna@letraria.com

BORRA-
CHARIA
Á 500
METROS

LAS CREPALDI HENRIQUES
las@letraria.com

ELA VIRÁ A
OÃO? U JOVER
ETRARÁ A TO
O DIREITO
NÃO SOMENTE AO
PHO MAS TAMBÉM
À POEZIA.

BEBEL
PRIME
FONTE
INCONT
ESSE
PREFEI

ANA LUÍSA COLET
ana@letraria.com

TE-
MÊ
NA MÊ
SAGEM
TOA

LUCAS DIFREU ROCHA LOPES
lucas@letraria.com

ESSE CARA
PERNA DE
ESQUERDA
É MUITO
DIFÍCIL DE
MARCAR

LUCAS EDUARDO FARIA
lucas@letraria.com

"BACHA-
RELA"
-E-
"MESTRA"

LARISSA AKABOCHI DE CARVALHO
lari@letraria.com

AQUI É
SÓ TRABALHO
SORTE É
PRAS
CRIANÇAS

MOUELINE MELO DE ALMEIDA SILVA
moeline@letraria.com

LATE-
ALTO QU
DAQUI
NÃO TE
ESCUITO

IONAS MARQUES DE FREITAS
ionas@letraria.com

FEELING,
CUSTOM
MADE
COUTURE

IVAN GOMES DA SILVA JÚNIOR
ivan@letraria.com

LIBERA
-A-
PROIBIDA

FABRÍCIO ANTÔNIO PILAN
fabricao@letraria.com

SE Ô TOMÉ
SE SOBERBANA
[...] EU, BEBIA

BRUNA BARROS PESSOA
bruna@letraria.com

MUSSARELA
PRESUNTO
OVOZ FRITO
MAIONESE,
TOMATES

ANA FLÁVIA SILVA SARDELARI
ana@letraria.com

FENÔMENOS LINGUÍSTICOS: A LÍNGUA COMO ELA É

FERNANDA MASSI (ORG.)

FERNANDA MASSI (Org.)

FENÔMENOS LINGUÍSTICOS: A LÍNGUA COMO ELA É

1ª edição

Araraquara
2015

letraria 

PROJETO EDITORIAL

Letraria

CAPA

Rafael Scuoppo Massi

PROJETO GRÁFICO

Rafael Scuoppo Massi

REVISÃO

Letraria / Gustavo Marcelino de Souza

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Massi

TEXTOS

Ana Flávia Silva Sardelari / Ana Luísa
Coletti Ricci / Bruna Barros Pessoa / Fabrício
Antônio Pilan / Gustavo Marcelino de Souza
/ Ivan Gomes da Silva Júnior / Jaqueline
Melo de Almeida Silva / Jonas Marques de
Freitas / Juliana Leopoldo Potenza / Laís
Crepaldi Henriques / Larissa Akabochi de
Carvalho / Lucas Eduardo Parila / Pierina
Maria Soares Bergamasco / Thaís de
Carvalho Eduardo / Vinicius Dirceu Rocha
Lopes

ILUSTRAÇÕES

Rafael Scuoppo Massi

Massi, Fernanda (Org.)

ISBN: 978-85-69395-00-3

Fenômenos linguísticos: a língua como ela
é / Fernanda Massi (Org.) – Araraquara:
Letraria, 2015.

104p. 768 X 1024px.

1. Linguística. 2. Gramática.

APRESENTAÇÃO

Refletir sobre o uso da língua portuguesa é tarefa de todo profissional de Letras. É preciso sempre lembrar que existem as regras determinadas pela gramática normativa, mas existe também a gramática do cotidiano. Nesse sentido, existe um uso ideal e um uso real da língua.

Este livro apresenta os resultados de uma proposta de reflexão feita aos alunos do primeiro ano do curso de Letras (Licenciatura/Bacharelado) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), do campus de Araraquara. O trabalho desenvolvido pelos estudantes foi realizado nas aulas de Leitura e Produção de Textos II, ministradas pela Profa. Dra. Fernanda Massi, no segundo semestre de 2014.

Inicialmente, a tarefa consistia em reparar nos usos da língua que faziam parte da realidade dos estudantes. Os contextos possíveis seriam os da música, da literatura, da internet, do cotidiano (placas, cardápios, *slogans*, etc.), entre muitos outros. Após escolher algum “fenômeno linguístico” para estudo, os alunos deveriam pensar na elaboração de um texto científico para explicá-lo.

Cada seção do texto científico foi elaborada em uma aula, com auxílio da professora. Após a delimitação do *corpus*, o tema do trabalho estava, conseqüentemente, definido. Restava ainda desenvolver as outras partes do texto: “Introdução e problematização”, “Embasamento Teórico”, “Análise do fenômeno” e “Conclusão”. Como o leitor perceberá, todos os trabalhos aqui apresentados seguem a mesma estrutura.

Para o “Embasamento Teórico”, foi sugerido que o autor buscasse a regra gramatical que o fez classificar aquele fenômeno como “erro”. Essa regra deveria ser reproduzida no texto para que fosse discutida em “Análise do fenômeno”. Nesta seção, o aluno poderia discutir tanto a forma como aquela regra era explicada na gramática escolhida, quanto sua própria existência, considerando que, mesmo “errando”, o falante era compreendido em um determinado contexto.

Desde o princípio, foi proposto aos alunos que seus textos científicos fossem publicados em um *e-book* organizado pela professora, o que acabou por estimulá-los a realizar um excelente trabalho. Os resultados superaram as expectativas e os alunos tiveram um prazo para fazer as correções em seus textos e enviá-los de volta para a professora. Embora muitos tenham feito trabalhos excelentes, só participaram desta edição aqueles que se comprometeram com a entrega das versões finais, devidamente corrigidas, dentro do prazo previsto.

Os autores envolvidos também colaboraram com a revisão dos textos, sua distribuição em seções e o título do *e-book*.

Esperamos que esse trabalho sirva de estímulo não apenas a seus autores, que passaram a pensar na “língua como ela é”, mas também aos leitores, que podem desfrutar de um trabalho reflexivo, crítico e bastante enriquecedor. Boa leitura!

Fernanda Massi

SUMÁRIO

MÚSICAS

- O plural em Língua Portuguesa: influência do artigo nos termos subsequentes** 7
Juliana Leopoldo Potenza
- Uma breve reflexão sobre a colocação de pronomes: o discurso da música popular e o discurso popular** 11
Vinicius Dirceu Rocha Lopes
- A colocação pronominal nos funks cantados por Valesca Popozuda** 17
Jonas Marques de Freitas
- A omissão dos vocativos em redes sociais** 29
Thaís de Carvalho Eduardo
- Concordância verbal e nominal segundo a língua falada** 33
Lucas Eduardo Parila

COTIDIANO

- Acentuação de paroxítonas terminadas em o: análise de faixas de postos de combustíveis, receitas culinárias e tabelas de preços de estabelecimentos comerciais** 42
Pierina Maria Soares Bergamasco
- A gramática nos cardápios: usos e consequências para estabelecimento e clientes** 48
Ana Flávia Silva Sardelari
- O uso inusitado da língua inglesa em nomes de bares e restaurantes** 53
Gustavo Marcelino de Souza
- Pontuação: o uso da vírgula** 62
Jaqueline Melo de Almeida Silva
- Confusões com a crase: por que elas acontecem?** 66
Laís Crepaldi Henriques
- Devassa e Proibida: a história dos rótulos de cerveja com nomes inusitados** 71
Fabrício Antônio Pilan

ESCRITA: LITERATURA, REVISTAS, CURRÍCULOS...

- O estrangeirismo presente na revista *Vogue Brasil*** 79
Ivan Gomes da Silva Junior
- Uso das palavras “Bacharela” e “Mestra”: uma questão de gênero** 85
Larissa Akabochi de Carvalho
- Literatura em quadrinhos: diferenças linguísticas com os originais** 92
Ana Luísa Coletti Ricci
- As vírgulas em Guimarães Rosa: a prosódia como justificativa do uso** 98
Bruna Barros Pessoa

MÚ

SI

CA



AQUÍ
SÓ
TRABALHO
SORTE É
PRAS
CRIANÇAS

JULIANA LEOPOLDO POTENZA

ju_potenza@hotmail.com

O PLURAL EM LÍNGUA PORTUGUESA: INFLUÊNCIA DO ARTIGO NOS TERMOS SUBSEQUENTES

Resumo: O presente trabalho trata do uso do plural das palavras em língua portuguesa e como o artigo, quando usado no plural, diminui a necessidade de outras marcas de pluralidade nos termos seguintes.

Palavras-chave: Plural. Artigo. Desinências.

Introdução e problematização

De acordo com a gramática tradicional, o plural das palavras em Língua Portuguesa normalmente se constrói com o acréscimo de um “s” no final da palavra e, assim, os demais termos relacionados a ela também recebem marca de plural. Entretanto, podemos observar, em algumas frases, que a marca de plural no artigo diminui a necessidade de outras marcas de plural nos termos a que ele se refere.

Neste texto, serão apresentados exemplos desse mecanismo de manutenção da língua. O objetivo deste trabalho é discutir como, mesmo “desrespeitando” a regra gramatical, o falante que recorre a tal possibilidade da língua portuguesa é compreendido por seus interlocutores.

Corpus

O *corpus* do presente trabalho é constituído pelas músicas *Convoque seu Buda*, *Duas de cinco* e *Vasilhame*, compostas e interpretadas pelo *rapper* Criolo. Dessas músicas serão retirados alguns exemplos de como o plural do artigo pode pluralizar seus termos referentes.

Os primeiros exemplos são da música *Convoque seu Buda*, na qual os artigos indefinidos “uns” e “umas” dão ideia de plural dos termos subsequentes mesmo que eles não tenham recebido tal marca. Podemos observar também que os verbos, nesses dois versos, estão conjugados na terceira pessoa do singular, mas, apesar disso, graças aos artigos, o ouvinte entende a construção toda como se estivessem conjugados no plural.

Uns cara que cola pra ver se cata mina
Umas mina que cola e atrapalha ativista

O segundo exemplo foi retirado da canção *Duas de cinco*. Aqui, podemos observar que o artigo definido “as” (contraído em para + as = pras) pluraliza seu termo referente, ou seja, “criança”.

Aqui é só trabalho
Sorte é **pras criança**

Os últimos exemplos deste trabalho foram retirados da música *Vasilhame*, na qual podemos observar, mais uma vez, o artigo definido no plural dispensando a marca de pluralidade nos termos subsequentes e ainda permitindo que os verbos sejam conjugados na terceira pessoa do singular, em vez de conjugados na terceira pessoa do plural.

Eu ouvi falar **os cara quer** chapar, se pá
Beber até inchar, aaah será triste o fim
E eu ouvi falar que **umas mina quer** entornar
Enxugar o caneco pra depois snif snif aaah

Embasamento teórico

Para embasar teoricamente a discussão apresentada neste trabalho, foi selecionada a *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão* (ABREU, 2003). Infelizmente, não há um esclarecimento direto para o tema aqui tratado, porém podemos utilizar e questionar a explicação sobre o plural dos substantivos precedidos de preposição. Acerca disso, a Gramática traz (ABREU, 2003, p. 273):

O motivo pelo qual não se flexionam no plural os substantivos precedidos de preposição é que a preposição funciona como uma espécie de barreira para a concordância. Se pedirmos a um falante do português que passe para o plural a frase: A mesa de madeira é grande, ele dirá: As mesas de madeira são grandes; em que o substantivo madeira, depois da preposição, não recebe a marca de plural.

Desconsiderando a discussão em torno da preposição e voltando ao tema central deste trabalho, podemos observar que o falante do português pode passar a frase em questão para o plural apenas mudando o artigo, como em outros exemplos já apresentados. Desta forma, teríamos: “**as mesa** de madeira **são** grandes” ou até mesmo “**as mesa** de madeira **é** grande”. Essas formas de plural produzem, em todos os falantes de português, o mesmo sentido de “as mesas de madeira são grandes”.

Análise do fenômeno

O fenômeno estudado neste trabalho é como a pluralização do artigo pode passar a frase toda para o plural, como no trecho “Aqui é só trabalho/Sorte é pras criança”. Não é necessário que o autor diga “as crianças” para que seu interlocutor entenda que a palavra “criança” está no plural. O artigo no plural (no caso, contraído

em para + as = “pras”) pluraliza os termos subsequentes.

A norma padrão da língua portuguesa diz que se deve usar o plural das palavras, mas podemos observar que tanto em textos escritos, como também – e principalmente – na fala, o entendimento desse tipo de plural, em que se pluraliza apenas o artigo, é perfeitamente possível mesmo que não esteja de acordo com a norma culta da língua.

Conclusão

Com o fenômeno brevemente estudado neste trabalho, podemos concluir que a língua, principalmente em sua forma oral, tem mecanismos próprios de manutenção que diferem das normas defendidas pela gramática tradicional. Apesar de não seguir a norma culta, o falante que usa esse tipo de construção é perfeitamente compreendido por seus interlocutores, estabelecendo comunicação, que é o propósito mais primitivo da linguagem.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. **Gramática mínima: para o domínio da língua padrão**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

CRIOLO. **Duas de cinco**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/criolo/duas-de-cinco.html>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. **Convoque seu Buda**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/criolo/convoque-seu-buda.html>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. **Vasilhame**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/criolo/vasilhame.html>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

CAPTE
UMA MÊ
MENSAGEM
Á TOA

VINICIUS DIRCEU ROCHA LOPES

vinicius_lopes@hotmail.com

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A COLOCAÇÃO DE PRONOMES: O DISCURSO DA MÚSICA POPULAR E O DISCURSO POPULAR

Resumo: A colocação de pronomes, utilizada em cada momento do dia a dia de todos os falantes, é ensinada unanimemente nos programas educativos escolares. Contudo, é evidente que seu uso não é regido por nenhuma regra quando se aborda uma ocasião de uso comum. Tomando como base a música popular, é possível deixar ainda mais óbvia a ocorrência do fenômeno.

Palavras-chave: Colocação pronominal. Análise linguística. Música popular. Discurso popular.

Introdução e problematização

A partir de uma breve consulta à gramática tradicional, fica definida a colocação dos pronomes oblíquos por meios de regras situacionais. Entre elas, delimita-se que um pronome oblíquo não deve ser colocado no começo das frases, formando, portanto, uma ênclise ao realocar o pronome para a frente do verbo por meio de um hífen.

Ao longo do texto, será feita uma breve discussão sobre o desuso frequente dessa regra específica na língua portuguesa falada e sobre como, aos ouvidos de um brasileiro, a intercalação da colocação dos pronomes oblíquos (o uso antes ou depois do verbo) é compreendida perfeitamente da mesma forma, fazendo da gramática normativa algo irrelevante em qualquer situação diária para um cidadão comum. Esse quadro faz com que qualquer uma das posições seja quase sempre uma possibilidade de interpretação correta, resultado do desenvolvimento natural da língua.

Corpus

Neste trabalho, foram selecionadas duas músicas da MPB (Música Popular Brasileira) que mostram situações opostas (de uso devido e indevido) da colocação pronominal: **Rapte-me, camaleoa**, de Caetano Veloso e **Linha tênue**, de Maria Gadu.

Rapte-me camaleoa
Adapte-me a uma cama boa
Capte-me uma mensagem à toa
De um quasar pulsando lôa
Interestelar canoa...

Toda vez que passo você não nota
Eu conto uma lorota você nem ri

Me faço fina flor vem e desbota
Me boto numa fria não socorre
Eu cavo um elogio isso nem te ocorre
A indiferença escorre fria a me ferir
Será porque você não me suporta?

Embasamento teórico

Para utilizar como ferramentas dessa análise, foram selecionadas uma gramática tradicional e textos de pesquisa relativos ao tema como suporte ideológico: *Gramática da Língua Portuguesa*, de Pasquale Neto e Ulisses Infante (2010); “O ensino da colocação pronominal: aplicação de SD em turmas de terceiro ano do ensino médio”, por Rhávila Alves, Larissa Pedrosa, Danielly Reis, Djamara Silva, Jéssica Silva e Denise Araújo (2013) e “Colocação pronominal: um estudo em redação de escolares do Ensino Médio”, de Izabel Araújo.

Na *Gramática da Língua Portuguesa*, uma das regras mostradas é: “A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à sequência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das frases.” (NETO; INFANTE, 2010, p. 548)

Portanto, em início de frases, quando necessária a utilização de pronomes oblíquos, é previsto que venham sempre após o verbo (sequência verbo-complemento) com o uso de hífen.

Análise do fenômeno

Como já se sabe, nas escolas particulares e públicas do Brasil, é presente o estudo dos pronomes (e, conseqüentemente, é possível supor o ensino da colocação pronominal na maioria das escolas) dentro do currículo em Língua Portuguesa. Esse fato não impede que os brasileiros entrem em conflito com a colocação dos pronomes oblíquos pela gramática tradicional, sendo analisado aqui o caso do pronome colocado no começo de frases.

Na primeira música em questão, o autor, que conhecidamente possui estudo em Língua Portuguesa, faz uso correto da ênclise no começo das frases. Porém, na segunda, o compositor, que possui igual conhecimento da língua, inverte essa regra e mostra uma variação do uso da colocação do pronome.

De modo a considerar ambos os autores cultos e também o brasileiro comum conhecedor (em maior ou menor grau) dessas regras, é necessário considerar um outro fator: o contexto das músicas. Na música, em especial, não somente a colocação pronominal mostra-se completamente arbitrária por motivos rítmicos, a fim de manter o tempo sonoro de alguns versos, mas é também um reflexo da própria arbitrariedade desse assunto, presente na língua falada. Isso porque a música popular constantemente se apropria da variação oral do português e traz consigo, portanto, as marcas de um uso livre de pronomes, dependendo do contexto, gosto pessoal, ou mesmo uma escolha aleatória, por vezes, assim como

no cotidiano da maioria dos falantes, que são compreendidos na troca da posição dos pronomes em quase a totalidade dos casos.

Conclusão

Ainda que muitos falantes da língua de fato desconheçam a regra gramatical da posição dos pronomes, esse fato pode ser desconsiderado na medida em que os falantes conhecedores da norma padrão da língua (como exemplificado pelas músicas) também fazem uso das variações da regra, gerando um resultado semântico idêntico ao de uma das formas, seja em próclise ou ênclise, em qualquer um dos casos. Esse caráter praticamente subjetivo da colocação pronominal na fala cotidiana é, muito provavelmente, uma simples evolução natural da língua, que segue meramente a compreensão do discurso oral (a capacidade de estabelecer uma comunicação) e que constantemente acaba por não ir de acordo com a norma padrão da língua.

Referências

ALVES, Rhávila Rachel Guedes; PEDROSA, Larissa Moraes; REIS, Danielly Gomes dos; SILVA, Djamara Virginia D. da Rocha; SILVA, Jéssica Amanda de Souza; ARAÚJO, Denise Lino de. O ensino da colocação pronominal: aplicação de SD em turmas de terceiro ano do ensino médio. **Entre palavras**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 166-187, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/372>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

ARAÚJO, Izabel Cristina Macini de. **Colocação pronominal: um estudo em redação de escolares do Ensino Médio**. Disponível em: <http://taubate.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes_orais/artigo-izabel_mancini.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2014.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2010. p. 547-549.

ANEXO A - Corpus de trabalho

Todo o lugar que chego você não fica
Tudo o que eu te peço você não dá
Se dou opinião você implica
Toda vez que ligo você não está
Por que fazer questão deste jogo duro?
De me mostrar o muro a nos dividir?
Seu coração de fato está escuro
Ou por de trás do muro
Tem mais coisa aí
Toda vez que passo você não nota
Eu conto uma lorota você nem ri
Me faço fina flor vem e desbota
Me boto numa fria não socorre
Eu cavo um elogio isso nem te ocorre
A indiferença escorre fria a me ferir
Será porque você não me suporta?
Ou dentro desta porta
Tem mais coisa aí
Entre o bem e o mal a linha é tênue meu bem
Entre o amor e o ódio a linha é tênue também
Quando o desprezo a gente muito preza
Na vera o que despreza é o que se dá valor
Falta descobrir a qual desses dois lados convém
Sua tremenda energia para tanto desdém
Ou me odeia descaradamente
Ou disfarçadamente me tem amor
Toda vez que passo você não nota
Eu conto uma lorota você nem ri
Me faço fina flor vem e desbota
Me boto numa fria não socorre
Eu cavo um elogio isso nem te ocorre
A indiferença escorre fria a me ferir
Será porque você não me suporta?
Ou dentro desta porta
Tem mais coisa aí
Entre o bem e o mal a linha é tênue meu bem
Entre o amor e o ódio a linha é tênue também
Quando o desprezo a gente muito preza
Na vera o que despreza é o que se dá valor

Falta descobrir a qual desses dois lados convém
Sua tremenda energia para tanto desdém
Ou me odeia descaradamente
Ou disfarçadamente me tem amor

Disponível em: <<http://letras.mus.br/maria-gadu/1997770/>>

Rapte-me camaleoa
Adapte-me a uma cama boa
Capte-me uma mensagem à toa
De um quasar pulsando lôa
Interestelar canoa...
Leitos perfeitos
Seus peitos direitos
Me olham assim
Fino menino me inclino
Pro lado do sim...
Rapte-me
Adapte-me
Capte-me
It's up to me
Coração
Ser querer ser
Merecer ser
Um camaleão...
Rapte-me camaleoa
Adapte-me ao seu
Ne me quitte pas...

Disponível em: <<http://letras.mus.br/caetano-veloso/44768/>>

LATE+
ALTO QUE
DAQUI FUI
NÃO TE
ESCUITO

JONAS MARQUES DE FREITAS

jmf.massis@gmail.com

A COLOCAÇÃO PRONOMINAL NOS FUNKS CANTADOS POR VALESCA POPOZUDA

Resumo: Este estudo é uma análise de letras de *funk* da cantora Valesca Popozuda, procurando explicar o uso da 3ª pessoa no lugar do pronome enclítico e a mescla do pronome **você** (3ª pessoa) com a forma oblíqua **te** (2ª pessoa). O tema será embasado em textos de especialistas que discutem o português do Brasil, mostrando que **ela/ele** após o verbo é tratado como objeto direto e que a pessoa do discurso **você** e a pessoa gramatical **tu** têm cargas significativas iguais.

Palavras-chave: Valesca Popozuda. Colocação pronominal. *Funk*.

Introdução e problematização

Na gramática tradicional, quando se refere a um objeto, coloca-se o pronome oblíquo após o verbo, no caso da ênclise. No entanto, em letras de músicas, em específico o *funk*, encontra-se o uso do pronome reto após o verbo. Outro caso que ocorre nessas letras é o uso do pronome **você** (3ª pessoa) com o pronome oblíquo **te** (2ª pessoa). Esse fenômeno, provavelmente influenciado pela fala do cotidiano, mostra a distância que há entre a gramática da língua portuguesa e o português que se fala no Brasil, ou como diz Bagno (2006), em *A língua de Eulália: novela sociolinguística*, as variáveis do português falado no país.

Neste texto, serão trazidos exemplos do uso do pronome reto da terceira pessoa (*ela/ele*) como objeto direto e da mescla das formas retas e oblíquas dos pronomes **tu** e **você**, partindo-se de uma perspectiva linguística, mostrando que, mesmo que a gramática não reconheça essas situações, elas já estão completamente difundidas entre os falantes, garantindo, assim, a comunicabilidade.

Corpus

O *corpus* deste trabalho é constituído pelas letras de dois *funks* cantados por Valesca Popozuda, mesmo que não tenham sido compostos por ela. Como o objetivo não é analisar “erros” cometidos, e sim o fenômeno da colocação pronominal que não segue as regras gramaticais, não há problema nesse fato. Abaixo, dois excertos das letras dos *funks* analisados.

I - Beijinho no Ombro
“Acredito em Deus **faço ele** de escudo
Late mais alto que daqui eu **não te** escuto
Do camarote quase não dá pra **te** ver
Tá rachando a cara, tá querendo aparecer”

II – Eu Sou a Diva que Você Quer Copiar
“Veja o que eu **vou te falar**
Eu sou a diva que **você** quer copiar
Se der mole, **te** limpo todinho
Tudo bem, demorou, não faz mal
Passo o rodo e dou uma esfregada
O meu brilho é natural
Abre o olho senão eu **te** pego
E **te** dou uma escovada
Toma vergonha na cara
Sai pra lá falsificada”

Embasamento teórico

Neste trabalho foi utilizada a *Nova gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2008). Além disso, outros livros foram utilizados como referências, a saber, *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*, de Marcos Bagno (2009), *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*, também de Bagno (2001a), *A língua do Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1971) e *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*, de Mário Perini (2004).

Na gramática selecionada, a regra para a colocação dos pronomes oblíquos é apresentada da seguinte forma:

Quando o pronome oblíquo da 3ª pessoa, que funciona como objeto direto, vem antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas *o, a, os, as*. Assim:

Não *o* ver para mim é um suplício.
Nunca *a* encontramos em casa.
João ainda não fez anos; ele *os* faz hoje.
Eles *as* trouxeram consigo.

Quando, porém, está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen (PRONOME ENCLÍTICO), a sua forma depende da terminação do verbo. Assim:

1º) Se a forma verbal terminar em VOGAL ou DITONGO ORAL, empregam-se *o, a, os, as*:

Louvo-*o*
Louvava-*a*
Louvei-*os*
Louvou-*as*

2º) Se a forma verbal terminar em -r, -s ou -z, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume as modalidades *lo, la, los, las*, como nestes exemplos:

Vê-*lo* para mim é um suplício.
Encontramo-*la* em casa.

João ainda não fez anos; fá-los faz hoje.
Não quero vendê-las. [...]

3º) Se a forma verbal terminar em DITONGO NASAL, o pronome assume as modalidades *no, na, nos, nas*.

Dão-*no*

Põe-*na*

Tem-*nos*

Trouxeram-*nas*

(CUNHA; CINTRA, 2008, p. 291-292).

Sobre os pronomes retos e suas formas oblíquas, Cunha e Cintra (2008, p. 291) dizem que o pronome pessoal reto da segunda pessoa, **tu**, concorda apenas com **te**. Sobre os pronomes de tratamento, nos quais é incluso **você**, é dito que “embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 304).

Os autores mostraram as regras gramaticais, deram exemplos e até indicaram como se chegou a essa forma nos dias de hoje, apontando mudanças que ocorreram com a colocação dos pronomes. O leitor dessa gramática, ou melhor, alguém que vá consultá-la, conseguirá entender através do exemplo, mas, esse leitor usará esse conhecimento apenas para a escrita formal. Muitos poderão achar os exemplos esquisitos, afinal, quase nunca são vistos. Alguém que não esteja acostumado a usar a chamada norma culta, encontrará dificuldades para compreender essas regras.

Análise do fenômeno

1. Faço ele de escudo

O fato de **fazer** ser um verbo transitivo direto faz com que o falante coloque o pronome como um objeto direto. Usando o método dado pelas gramáticas para fazer essa análise, tem-se:

Pergunta: faço o que/quem de escudo?

Resposta: ele (Deus)

Se é lógico fazer Deus de escudo, também é lógico fazer ele de escudo, afinal esse pronome **ele** refere-se a Deus, anteriormente mencionado. Há também o fato de ser uma letra de música, e não soaria bem, na fala, faço-o de escudo, como quer a gramática. Cunha e Cintra dizem, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* que

Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome *ele(s), ela(s)* como objeto direto em frases do tipo:

Vi *ele*.
Encontrei *ela*.

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses do século XIII e XIV, deve ser hoje evitada. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 302)

No entanto, o uso de pronomes retos como pronomes oblíquos é frequente na escrita não formal. O linguista Mário Perini diz que, no português falado no Brasil, os pronomes *ela*, *ele* e as formas no plural, “só têm uma forma, que vale para todas as funções” (PERINI, 2010, p.120), ou seja, o pronome reto e o oblíquo são iguais. Seguindo esta visão, **faço ele de escudo** está correto gramaticalmente, porque esse **ele** é pronome oblíquo neste caso.

2. Veja o que eu vou te falar

No fragmento II, retirado de **Eu Sou a Diva que Você Quer Copiar**, nota-se a concordância entre o pronome reto em 3ª pessoa do singular com o pronome oblíquo em 2ª pessoa do singular. Este fenômeno, tão comum na língua falada e também na escrita não monitorada, traz uma prova de que a noção de **tu/te** e **você/lhe** já se perdeu entre os falantes. Tanto faz concordar **você** com **lhe** ou com **te**, **tu** com **te** ou com **lhe**, afinal a mensagem será entregue e será entendida. O significado de **você** com **tu** se mesclou e hoje é indistinguível.

Quanto ao grau de afinidade com o interlocutor, não há essa distinção proclamada pelos gramáticos. Como já dito, **tu** e **você** possuem cargas significativas iguais, mesmo no Sul do Brasil, onde se fala **tu**, mas se conjuga o verbo em terceira pessoa. Essa mistura dos pronomes se dá, provavelmente, por **você** ser a 2ª pessoa do discurso, mas ser conjugado como 3ª pessoa gramatical.

A questão dos pronomes nos dois trechos das músicas envolve também os modos imperativo e subjuntivo do verbo. No próprio **Veja o que eu vou te falar**, tem-se uma situação “imprópria” gramaticalmente, afinal, deve-se optar por uma pessoa, ou **você**, ou **tu**. Optando-se por **você**, continua **Veja**, optando-se por **tu**, ficaria **Vê**. Um fenômeno curioso que ocorre em *Beijinho no ombro*, no verso “Late mais alto que daqui eu não te escuto”, é que a concordância está correta gramaticalmente. Mas há que se convir que na língua escolhe-se o que é menos estranho. Se se optasse por conjugar o verbo na 3ª pessoa, ficaria **Lata**, forma que ninguém usa.

3. É errado escrever assim?

Segundo os gramáticos tradicionais, o Brasil está indo para o caminho da perdição, afinal, o brasileiro está acabando com o seu bem mais precioso, a língua. Entretanto, isso já é falado há muito tempo e o português continua uma língua viva. Sabe-se que a língua está em constante mudança. Quando o falante do português do Brasil quer se comunicar, ele usa a forma mais convenientemente possível de se entender.

Isso também ocorre na escrita. Como diz Kato (1986, p. 40),

A avalanche do uso oral ao lado do uso relativamente insignificante da escrita pode fazer com que, a longo prazo, as formas do oral venham a afetar as formas da escrita. O que se está prevendo aqui é que, se nas sociedades altamente letradas as pessoas procuram simular a escrita na fala, em um país como o Brasil, a força da oralidade marca a própria escrita [...], havendo necessidade de um policiamento cada vez mais consciente por parte do escritor, se ele quiser seguir os padrões socialmente aceitos.

No excerto, é visível a posição da autora, que em outra parte do livro diz que “a fala é regida por imposições de ordem comunicacional e funcional, enquanto a escrita sofre, além disso, as imposições de ordem normativa e convencional” (KATO, 1986, p. 28). Tem-se sim que levar em conta que a língua escrita segue uma gramática para uniformização e claro entendimento da língua e que essa língua escrita é o português *standard*. No entanto, esse português *standard*, chamado de norma culta, foi e é patrocinado pela elite, que é vista como a camada “cultura” da sociedade. Sobre o assunto, em *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*, Bagno (2001b, p. 184-185) comenta o projeto de lei do então deputado federal Aldo Rebelo pelo PC do B e a Academia Brasileira de Letras:

E a Academia Brasileira de Letras? Seu espírito elitista, conservador e feudal o deputado não critica: muito pelo contrário, Aldo Rebelo escreve que “à Academia Brasileira de Letras continuará cabendo o seu tradicional papel de centro maior de cultivo da língua portuguesa no Brasil” e que “à Academia Brasileira de Letras incumbe, por tradição, o papel de guardião dos elementos constitutivos da língua portuguesa usada no Brasil” [...]. A Academia Brasileira de Letras nem de longe pode ser chamada de “centro maior de cultivo da língua portuguesa no Brasil”: afinal, por que atribuir essa qualidade a um reduzido grupo de 40 indivíduos [...], quando o português no Brasil é falado (ou seja, é de fato cultivado) por mais de 190 milhões de pessoas? Além disso, os “elementos constitutivos de uma língua” pertencem ao grupo social que fala essa língua, pertencem a seus falantes nativos, e não precisam de guardiões...

Há a necessidade de uma ampliação de gramáticas com uma metodologia científica de descrição da língua, não de gramáticas de prescrição, baseadas em obras de grandes escritores, nas quais “em vez de deduzir suas regras do uso feito pelos escritores, os gramáticos colhem apenas [...] aquelas opções lingüísticas que eles, gramáticos, já de antemão consideram as boas, as bonitas, as corretas” (BAGNO, 2003, p. 157). Mario Alberto Perini escreveu a já citada *Gramática do Português Brasileiro* (2010), em que ele faz uma descrição da língua falada no Brasil. Gramáticas como essa são necessárias também para a língua escrita.

Conclusão

A língua segue uma norma adotada por uma comunidade. Entende-se por norma

[...] determinado conjunto de fenômenos lingüísticos [...] que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. [...] Se adotarmos um olhar gerativista, diremos que cada norma corresponde a uma gramática. [...] Toda e qualquer norma [...] é dotada de organização. (FARACO, 2008, p. 37)

Se, na comunidade de falantes do português do Brasil, aceita-se a mistura das pessoas tu e você, isso já não pode ser considerado erro, já está previsto por essa norma dos falantes. Falar ou escrever assim não pode ser condenado pela gramática tradicional, afinal esta se ocupa da chamada norma culta, a qual Faraco denomina “norma curta”. Falar “faço ele de escudo” ou “vi ele” também não é erro, afinal, esse pronome é objeto do verbo. Além dos exemplos das letras de *funk*, há outros na nossa literatura, como em Manuel Bandeira:

“[...] o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos [...]”
(BANDEIRA, 1993, p. 130).

E também em Clarice: “Se sei quase tudo de Macabéa é que já peguei uma vez de relance o olhar de uma nordestina amarelada. Esse relance me deu ela de corpo inteiro. Quanto ao paraibano, na certa devo ter-lhe fotografado mentalmente a cara.” (LISPECTOR, 1984, p. 66). Neste trecho, a escritora usa *ela* como pronome oblíquo e também usa *ter-lhe*, concordando com as regras gramaticais do português *standard*, trazendo o que já foi dito, que ambas as formas estão corretas, embora a gramática normativa ainda condene algumas práticas dos falantes.

Referências

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2001a.

_____. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001b.

BANDEIRA, Manuel. Porquinho-da-índia. **Estrela da vida inteira.** 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 130.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

KATO, Mary Aizawa. A natureza da linguagem escrita. **No mundo da escrita.** São Paulo: Ática, 1986. p. 10-41.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da estrela.** 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

PERINI, Mario Alberto. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POPOZUDA, Valesca. **Beijinho no Ombro** (Official Music Video). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=73sbW7gjBeo>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

_____. **Eu Sou a Diva que Você Quer Copiar** (Clipe Oficial). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZomN7cC7Sko>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

ANEXO A - Corpus de trabalho



← → ↻ <https://www.youtube.com/watch?v=73sbW7gjBeo>

YouTube BR

+55 21 98517-6464
E-Mail: pardalproducoes@gmail.com

#beijinhonoombro

BEIJINHO NO OMBRO
Desejo a todas inimigas vida longa
Pra que elas vejam cada dia mais nossa vitória
Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba
Aqui dois papos não se cria e não faz história

Acredito em Deus faço ele de escudo
Late mais alto que daqui eu não te escuto
Do camarote quase não dá pra te ver
Tá rachando a cara, tá querendo aparecer

Não sou covarde, já tô pronta pro combate
Keep calm e deixa de recalque
O meu sensor de perigete explodiu
Pega sua Inveja e vai pra... (rala sua mandada)

Beijinho no ombro pro recalque passar longe
Beijinho no ombro só pras invejosas de plantão
Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde
Beijinho no ombro só quem tem disposição

Desejo a todas inimigas vida longa
Pra que elas vejam cada dia mais nossa vitória
Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba
Aqui dois papos não se cria e não faz história

Acredito em Deus faço ele de escudo
Late mais alto que daqui eu não te escuto
Do camarote quase não dá pra te ver
Tá rachando a cara, tá querendo aparecer

Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde
Beijinho no ombro só quem tem disposição

Desejo a todas inimigas vida longa
Pra que elas vejam cada dia mais nossa vitória
Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba
Aqui dois papos não se cria e não faz história

Acredito em Deus faço ele de escudo
Late mais alto que daqui eu não te escuto
Do camarote quase não dá pra te ver
Tá rachando a cara, tá querendo aparecer

Não sou covarde, já tô pronta pro combate
Keep calm e deixa de recalque
O meu sensor de perigete explodiu
Pega sua irveja e vai pra... (Rala Sua Mandada)

Beijinho no ombro pro recalque passar longe
Beijinho no ombro só pras invejosas de plantão
Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde
Beijinho no ombro só quem tem disposição

Música ["Beijinho no Ombro" por Valesca Popozuda \(Google Play • eMusic • iTunes\)](#)
Categoria [Música](#)
Licença Licença padrão do YouTube

MOSTRAR MENOS

TODOS OS COMENTÁRIOS (30.631)



Compartilhe suas ideias

Pardal Produções
K2L Empreendimento
COMERCIAL@K2L.COM.BR / IMPRENSA@K2L.COM.BR

EU SOU A DIVA QUE VOCÊ QUER COPIAR

O meu brilho você quer
Meu perfume você quer
Mas você não leva jeito
Pra ter sucesso, amor, tem que fazer direito

Eu já falei que eu sou top
Que eu sou poderosa
Veja o que eu vou te falar
Eu sou a diva que você quer copiar

Se der mole, te limpo todinho
Tudo bem, demorou, não faz mal
Passo o rodo e dou uma esfregada
O meu brilho é natural
Abre o olho senão eu te pego
E te dou uma escovada
Toma vergonha na cara
Sai pra lá falsificada

O meu brilho você quer
Meu perfume você quer
Mas você não leva jeito
Pra ter sucesso, amor, tem que fazer direito

FICHA TÉCNICA

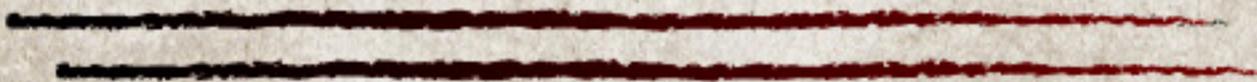
Artista: VALESCA POPOZUDA
Autor: Pardal / Wallace Viana / André Vieira
Produção Musical: DJ Batutinha
Diretor: FRED OURO PRETO
Diretora Executiva: RENATA BRANDÃO
Coordenador Executivo de Projetos: PABLO ALVEZ

NON



RET

NET



QUERIDO
PRA
VOCE
TEM D M

THAÍS DE CARVALHO EDUARDO

thaisdcarvalho@gmail.com

A OMISSÃO DOS VOCATIVOS EM REDES SOCIAIS

Resumo: Este trabalho científico consiste em observações em redes sociais (no *Twitter* em específico), segundo a Gramática da Língua Portuguesa canônica, pois o *Twitter* é um microblog que tem número de caracteres limitados, no qual o vocativo é omitido de forma mais enfática do que em outras redes sociais (como o *Facebook* e outros sites do gênero que não possuem limitações). O trabalho dialoga com a seguinte questão: a omissão do vocativo influencia no sentido?

Palavras-chave: Vocativo. Vírgula. Invocação. Sentido. Chamamento.

Introdução e problematização

Segundo a *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão* de Antônio Suárez Abreu, “vocativo é termo que se situa fora da oração. Não pertence, portanto, à rede argumental do verbo ou predicativo. É um apelo do enunciador ao interlocutor, por meio da projeção do seu nome ou das expressões equivalentes [...]”. (ABREU, 2003, p. 115). E ainda, “O vocativo, esteja ele em posição inicial ou não, constitui um bloco prosódico único. Por esse motivo deve ser separado por vírgula.” (ABREU, 2003, p. 256)

Dada esta definição de “chamamento” de uma expressão ou nome, a omissão do vocativo pode ser exemplificada pelo seguinte *tweet* do jogador brasileiro Neymar Jr.:

Imagem 1 – Tweet do Neymar



Fonte: <<https://twitter.com/neymarjr>>

O autor quer dar ênfase e chamar a surfista Marina Werneck pelo nome, projetando-o, porém, omite o uso da vírgula após a expressão “bem vinda” e antes de seu nome (@ma_werneck) – o que não corresponde ao uso padrão da norma.

Corpus

Os *tweets* em questão foram retirados dos microblogs de seus respectivos autores, o jogador Neymar Jr. (<https://twitter.com/neymarjr>) e a cantora Camila Uckers (<https://twitter.com/CamilaUckers1>).

Embasamento teórico

Neste trabalho foi selecionada a obra de Antônio Suárez Abreu, *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão*. Nesta gramática, a regra do uso do vocativo é apresentada da seguinte forma:

Vocativo é termo que se situa fora da oração. Não pertence, portanto, à rede argumental do verbo ou predicativo. É um apelo do enunciador ao interlocutor, por meio da projeção do seu nome ou das expressões equivalentes. [...] O interlocutor pode ser alguém real, fisicamente presente em algum lugar, de quem o observador pode observar as reações ao seu apelo; ou uma entidade abstrata ou fictícia. No primeiro caso o vocativo é um chamamento. No segundo, uma invocação. O vocativo é mais usado, obviamente, na língua oral. [...] (ABREU, 2003, p. 256)

Análise do fenômeno

Vocativo

Abaixo ilustra-se este fenômeno da língua e do uso não padrão das regras gramaticais no *tweet* da cantora Camilla Uckers, no qual ela não separa o termo “querido” – uma expressão de invocação – pela vírgula, do restante da oração.

Imagem 2 – Tweet da Camila



Fonte: <<https://twitter.com/CamilaUckers1>>

Vê-se este fenômeno também presente em *posts* em diversas redes sociais, quando se quer dizer “Bom dia, x” e diz-se “bom dia x” sem invocação do interlocutor diante da norma padrão. Entende-se também que no *Twitter*, por poder escrever apenas 140 caracteres, o internauta omite alguns sinais de pontuação (como a vírgula). Porém, em vias de observações, não há perda de sentido e o único equívoco encontrado é o desacordo com a norma padrão escrita, pois, como o próprio autor da gramática usada neste trabalho diz, o vocativo é mais usado na língua oral. Estando no campo da língua falada, se houve apreensão do sentido, o papel da fala foi cumprido.

Conclusão

Por fim, entende-se que a omissão dos vocativos só é um equívoco enquanto norma padrão de escrita, mas que não altera em nada o sentido da mensagem que o enunciador quer passar a seus interlocutores, ainda mais no cenário apresentado – o microblog: *Twitter*.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. Oração simples: 5.23 Vocativo. In: _____. **Gramática mínima: para o domínio da língua padrão**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003. p. 115.

_____. Pontuação. In: _____. **Gramática mínima: para o domínio da língua padrão**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003. p. 256.

ESSES CARA
PERNA DE
AQUERDA ESQUERDA
É MUITO DE
DIFÍCIL DE
MARCAR

LUCAS EDUARDO PARILA

lucas_eduardo@hotmail.com

CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL SEGUNDO A LÍNGUA FALADA

Resumo: Apoiando-se na *Moderna gramática portuguesa* de Bechara, representando o papel da gramática tradicional, e no livro *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*, de Luiz Carlos Travaglia, servindo como base teórica para a elaboração de uma explicação, foi analisado neste texto o fenômeno linguístico da concordância verbal e nominal, mais especificamente casos de textos escritos em que não se respeita a concordância verbal e nominal de número. Utilizando como *corpus* textos de internautas, buscou-se comprovar que tais textos foram elaborados conforme a lógica da língua falada.

Palavras-chaves: Internet. Concordância Verbal. Concordância Nominal.

Introdução e problematização

De acordo com a gramática tradicional, “[...] a concordância consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada” (BECHARA, 2009, p. 543), e pode ser verbal ou nominal. Porém, há textos em que a concordância não é respeitada, sinalizando um distanciamento muito grande entre a língua escrita e a língua falada. Nesse sentido, cumpre-se, neste texto, uma análise de casos em que não se é respeitada a concordância verbal e nominal em textos escritos. Porém, para se atingir uma maior delimitação do tema, a análise será focada em casos específicos em que a concordância referente ao número não é respeitada.

A análise proposta parte do pressuposto de que esses casos ocorrem devido ao notável distanciamento entre a língua falada e a língua escrita. A hipótese desta pesquisa é que quando acontece, em textos escritos, a transgressão da concordância verbal e nominal de número, isso dá pelo fato de o texto ser escrito conforme a lógica da língua falada, e, como se sabe, a língua escrita é diferente da língua falada.

Para se evitar confusões, é importante que se esclareça, desde o início, que não é a finalidade desta pesquisa constatar que os textos usados como exemplos, e seus similares que não foram relacionados para esta pesquisa, sejam típicos do campo da fala, e por isso não devem ser considerados como textos escritos. Pelo contrário, pretende-se confirmar que são textos do campo da escrita sim, mas produzidos conforme a lógica da língua falada, como será comprovado no decorrer deste texto.

Corpus

Decidiu-se verificar o fenômeno linguístico escolhido como tema em comentários feitos por internautas a matérias publicadas em sites na internet. A fim de se obter uma delimitação maior, foram escolhidos dois sites em especial,

por serem populares: o *Globo Esporte* e o *Esporte Uol*. Após acessar algumas matérias nos dois sites citados e analisar os comentários que cada uma sofreu, três comentários foram coletados para servir como *corpus* desta pesquisa:

a) “esses caras de perna esquerda é muito difícil de marcar, não atoa se destacam pena que são raros o que conseguem arrancar”¹

b) “os Mulequinho que joga na rua aqui na frente de casa, bota esse moleque na roda, dão caneta, lençol e fazem gols muito mais bonito, até de letra já vi, Só pq é filho de famoso”²

c) “os que não entende são pessoas movidas pelo sentimento de inveja”³

Embasamento teórico

Serão utilizados como apoio teórico dois livros: *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*, de Luiz Carlos Travaglia, e a *Moderna gramática portuguesa*, 37ª edição, de Evanildo Bechara. A obra *Moderna gramática portuguesa* representa, neste trabalho, a posição da gramática tradicional acerca do fenômeno linguístico da concordância nominal e verbal de número e servirá para confrontação com as frases escolhidas como *corpus*. Já o livro *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática* servirá como apoio para a explicação do fenômeno identificado nas frases escolhidas.

Na gramática de Evanildo Bechara, as concordâncias nominais e verbais são descritas da seguinte maneira:

Diz-se concordância nominal a que se verifica em gênero e número entre adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinantes) a que se referem [...]. Diz-se concordância verbal a que se verifica em número e pessoa entre sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração [...]. (BECHARA, 2009, p. 543).

Bechara (2009, p. 543) nos diz ainda que “a concordância pode ser estabelecida de palavra para palavra ou de sentido para sentido”. Basicamente, a concordância de palavra para palavra leva em consideração o aspecto formal das palavras em concordância; já na concordância de sentido para sentido, leva-se em consideração o aspecto semântico. Assim, a palavra *povo*, por exemplo, pode

1 BARBALHO, Felipe. Último golaço do ano? Escocês de 18 anos arranca do meio-campo e acerta o canto. *Globo Esporte*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/brasil-mundial-fc/post/ultimo-golaco-do-ano-escoces-de-18-anos-arranca-do-meio-campo-e-acerta-o-canto.html>>. Acesso em: 28 dez. 2014.

2 _____. Filho de Zidane faz golaço, mas herdeiro de Cañizares tem dia ruim no Real sub-12. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/brasil-mundial-fc/post/filho-de-zidane-faz-golaco-mas-herdeiro-de-canizares-tem-dia-ruim-no-real-sub-12.html>>. Acesso em: 29 dez. 2014

3 UOL Esporte. Olheiro do Barça queria Douglas desde 2009, mas clube não gostou. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/12/29/olheiro-do-barca-queria-douglas-desde-2009-mas-clube-nao-gostou.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2014.

entrar em concordância quanto ao número com outro termo de duas formas distintas: levando-se em consideração seu aspecto formal, que é singular; ou levando em consideração seu aspecto semântico, que é plural, uma vez que povo é um coletivo e significa várias pessoas. Porém, as causas do objeto desta pesquisa não são simplesmente o desconhecimento dos preceitos da gramática normativa, é de fato algo mais complexo, que o próprio Bechara salienta:

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois seguirmos outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuíra a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio. (BECHARA, 2009, 37. ed., p. 544).

Ora, é justamente isso que ocorre nas três frases usadas como exemplos para esta pesquisa, ou seja, elas foram produzidas conforme a lógica da língua oral⁴, como veremos adiante. Bechara (2009, p. 544) ainda conclui que “a língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias”.

Análise do fenômeno

Luiz Carlos Travaglia, em seu livro *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*, no momento em que explica as variações linguísticas de registro, alude ao fato de as diferenças existentes entre a língua escrita e a língua falada (TRAVAGLIA, 2006, p.51). É justamente por conta dessa diferença que ocorre o fenômeno linguístico analisado, ou seja, quando não se é respeitada a regra da concordância nominal e verbal de número em textos escritos.

Segundo Travaglia, a língua falada e a língua escrita possuem, cada uma a seu modo, características próprias: “a língua escrita constitui um sistema à parte, com características próprias que a marcam como um estilo diferente da língua falada [...]” (TRAVAGLIA, 2006, p.51 e 60). Assim, dominar a modalidade da língua falada, por exemplo, não significa dominar a língua escrita, uma vez que cada modalidade possui características próprias. Por isso, como nos diz Travaglia (2006, p. 52): “[...] alguns autores acham que a dificuldade que os alunos têm para escrever não advém do desconhecimento da norma culta ou padrão, mas antes do desconhecimento dessas características próprias do escrito”.

Ora, com isso fica muito claro que a transgressão da regra de concordância nominal ou verbal quanto ao número, levando-se em consideração o que Bechara disse acerca da estruturação da língua oral e a citação de Travaglia, é causada pela

⁴ Ver p. 3.

aplicação da lógica da língua falada espontaneamente⁵ na elaboração de um texto escrito, o que pode ser constatado nos exemplos já dados⁶.

Travaglia nos enumera algumas das características próprias da língua falada que usaremos para analisar os exemplos dados, porém, serão necessárias algumas adaptações, pois, no momento em que a lógica da língua falada é aplicada na língua escrita, o texto que se produz já não é mais do âmbito oral, e sim do âmbito escrito, mesmo que não se obedeça a determinadas regras da gramática tradicional. Na verdade, “a língua e a fala apresentam uma série de diferenças devidas ao meio (visual ou auditivo) em que são produzidas [...]” (TRAVAGLIA, 2006, p.52) sendo os recursos fonológicos presentes na fala, e que não podem ser representados na escrita, as principais causas dessas diferenças. Assim, ao ser utilizada a lógica da língua falada para a elaboração de um texto escrito, todas as características fonológicas, que são próprias da fala são perdidas, porém, algumas características são mantidas, como a necessidade de um contexto de referência para que se entenda o texto e a simplicidade de sua elaboração.

Analisando o exemplo **a**: “esses caras de perna esquerda é muito difícil de marcar, não atoa se destacam pena que são raros o que conseguem arrancar”, percebemos que o erro de concordância não é causado pelo desconhecimento da gramática tradicional, uma vez que o autor age corretamente quanto à concordância entre o adjetivo **raro** e o verbo **conseguir**, mas sim pela espontaneidade do texto. Isso é uma marca típica da língua falada. Segundo Travaglia, vários estudiosos já identificaram “[...] que as construções no oral são mais simples, menos complexas e longas” (TRAVAGLIA, 2006, p.52). De fato, o texto escrito, como o próprio Bechara salienta, nos possibilita uma elaboração maior, ao contrário da fala, que é espontânea.

O caso dos exemplos **b** e **c** é o mesmo que o do exemplo **a**, e, por consequência, a explicação também é a mesma. Porém, o exemplo **b** está mais próximo que os demais da língua falada. Analisando o exemplo **b**: “os Mulequinho que joga na rua aqui na frente de casa, bota esse moleque na roda, dão caneta, lençol e fazem gols muito mais bonito, até de letra ja vi, Só pq é filho de famoso”, notamos que a frase começa com o artigo plural **os**, mas que os termos seguintes, que deveriam concordar com o artigo, aparecem no singular (mulequinho, joga e bota). Porém, no decorrer da frase, ele retoma sua ideia inicial com termos no plural (dão e fazem). O fato de o autor ter retomado, no final da frase, a ideia de plural e fazer a concordância entre **os**, **dão** e **fazem** demonstra que ele tem consciência da regra de concordância, e, por conseguinte, seu texto possui a lógica da língua falada.

Em todos os exemplos dados, é necessária uma contextualização para que façam sentido. Isso se deve ao fato de a língua falada “sempre se valer de elementos

5 Aqui se diz língua falada espontaneamente para fazer oposição à fala que é elaborada, como, por exemplo, um discurso oficial de algum presidente, ou ainda as falas de alguma peça de teatro. Nesses casos a língua falada ganha a rigidez da língua escrita, e se difere muito da língua falada espontaneamente no cotidiano, ou em uma conversa informal.

6 Ver o tópico Corpus.

do contexto imediato de situação e formular frases que seriam incompreensíveis na escrita sem a formulação de um prévio quadro de referência [...]” (TRAVAGLIA, 2006, p.52). Assim, no exemplo a (“esses caras de perna esquerda é muito difícil de marcar, não atoa se destacam pena que são raros o que conseguem arrancar”), não é possível compreender tal frase sem antes saber que se trata de um comentário a uma matéria sobre um jogador de futebol escocês de dezoito anos e canhoto, que fez um bonito gol após promover uma arrancada do meio de campo até a entrada na grande área adversária. A matéria é acompanhada de um vídeo. Com esses dados, fica mais fácil entender a frase. O mesmo ocorre com os demais exemplos, sendo um pouco diferente o caso do exemplo c.

Para entendermos o exemplo b (“os Mulequinho que joga na rua aqui na frente de casa, bota esse moleque na roda, dão caneta, lençol e fazem gols muito mais bonito, até de letra já vi, Só pq é filho de famoso”) precisaríamos saber que, assim como o exemplo a, trata-se de um comentário a uma matéria sobre um jogador de futebol, filho do ex-jogador Zinedine Zidane (daí a referência no comentário “[...] Só pq é filho de famoso”). A matéria também é acompanhada de um vídeo e se refere a um gol que tal jogador, o filho do Zidane, fez.

Já o exemplo c (“os que não entende são pessoas movidas pelo sentimento de inveja”) difere um pouco dos demais. Trata-se de uma resposta a um comentário feito a uma matéria cujo conteúdo é a transferência de um jogador de futebol brasileiro para um time espanhol, o Barcelona. Assim, o comentário era o seguinte: “Aqui em Goiás, ninguém entende como esse cara foi parar no Barcelona. Kkkkk”, e o exemplo c é a resposta a esse comentário. Um fato curioso é a expressão “Kkkkk”, que representa uma fonação típica de uma conversa oral, que é a risada, nos mostrando mais uma vez a lógica da língua falada na produção de um texto escrito.

Conclusão

Como vimos, há uma diferença notável entre a língua falada e a língua escrita, mas isso não quer dizer que esses dois campos da linguagem não possuam relações entre si. De fato, acompanhamos de perto, no decorrer deste texto, uma dessas relações, quando se analisou o uso da lógica da língua falada para produzir um texto escrito, em que a gramática tradicional não era satisfatoriamente respeitada.

Mas vale lembrar que a língua falada cotidianamente faz parte da intuição do falante, que ele aprendeu com a prática e que a usa espontaneamente, sem desenvolver uma maior elaboração, enquanto que a língua escrita pressupõe uma maior elaboração, para casos mais formais - como um texto científico que pretende transmitir algum conhecimento. Assim, podemos concluir que a língua falada é a linguagem do cotidiano, regida conforme a prática do falante; enquanto que a língua escrita é uma linguagem mais elaborada, regida pela gramática tradicional. Isso não significa, é claro, que a língua falada seja informal e a língua escrita

seja formal, pois, como se sabe, tanto pode haver textos falados extremamente formais, como pode haver textos escritos informais.

Portanto, concluído que há uma diferença notável entre a língua falada e a língua escrita, mas que elas mantêm relações; e concluído também que a diferença maior entre elas é devido à possibilidade ou não de uma maior elaboração, podemos afirmar, por fim, que o fenômeno estudado nesta pesquisa é guiado segundo as duas conclusões feitas acima. Aliás, esse recurso de aplicar a lógica da língua falada para produzir textos escritos é recorrente na estilística de determinados escritores, como por exemplo, Luiz Ruffato e Ignácio de Loyola Brandão, que buscam com isso uma maior aproximação com o cotidiano.

Referências

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ANEXO A - Corpus de trabalho

- “esses caras de perna esquerda é muito difícil de marcar, não atoa se destacam pena que são raros o que conseguem arrancar”
(Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/brasil-mundial-fc/post/ultimo-golaco-do-ano-escoces-de-18-anos-arranca-do-meio-campo-e-acerta-o-canto.html>>. Acesso em: 28 dez. 2014.)
- “O cara fez o galimmm ser campeão...isso automaticamente torna ele o maior jogador de todos os tempos...fez o impossível.” (Disponível em: <<http://blogdoneto.blogosfera.uol.com.br/2014/12/26/onde-esta-o-futebol-ronaldinho/#comentarios>>. Acesso em: 28 dez. 2014.)
- “os Mulequinho que joga na rua aqui na frente de casa, bota esse moleque na roda, dão caneta, lençol e fazem gols muito mais bonito, até de letra já vi, Só pq é filho de famoso” (Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/brasil-mundial-fc/post/filho-de-zidane-faz-golaco-mas-herdeiro-de-canizares-tem-dia-ruim-no-real-sub-12.html>>. Acesso em: 28 dez. 2014.)
- (1)- “Aqui em Goiás, ninguém entende como esse cara foi parar no Barcelona. Kkkkk” ... (2) “os que não entende são pessoas movidas pelo sentimento de inveja” (Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/12/29/olheiro-do-barca-queria-douglas-desde-2009-mas-clube-nao-gostou.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2014.)

COOT!

DI A

NO



DESCULPEM
TRANSTORN
ESTAMOS
EM FORMA
REFORMA
PARA MELHOR
ATENDÊ-LOS

PIERINA MARIA SOARES BERGAMASCO

pierina_150@hotmail.com

ACENTUAÇÃO DE PAROXÍTONAS TERMINADAS EM O: ANÁLISE DE FAIXAS DE POSTOS DE COMBUSTÍVEIS, RECEITAS CULINÁRIAS E TABELAS DE PREÇOS DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

Resumo: Este trabalho teve por objetivo tratar da acentuação, em desacordo com a norma padrão, de palavras paroxítonas terminadas em **o** por meio da análise de faixas de postos de combustíveis, receitas culinárias e tabelas de preços de estabelecimentos comerciais. Percebeu-se que a compreensão de enunciados é possível, mesmo se eles forem escritos fora da norma padrão, quando se analisa cuidadosamente seu contexto.

Palavras-chave: Acentuação. Paroxítonas. Tonicidade.

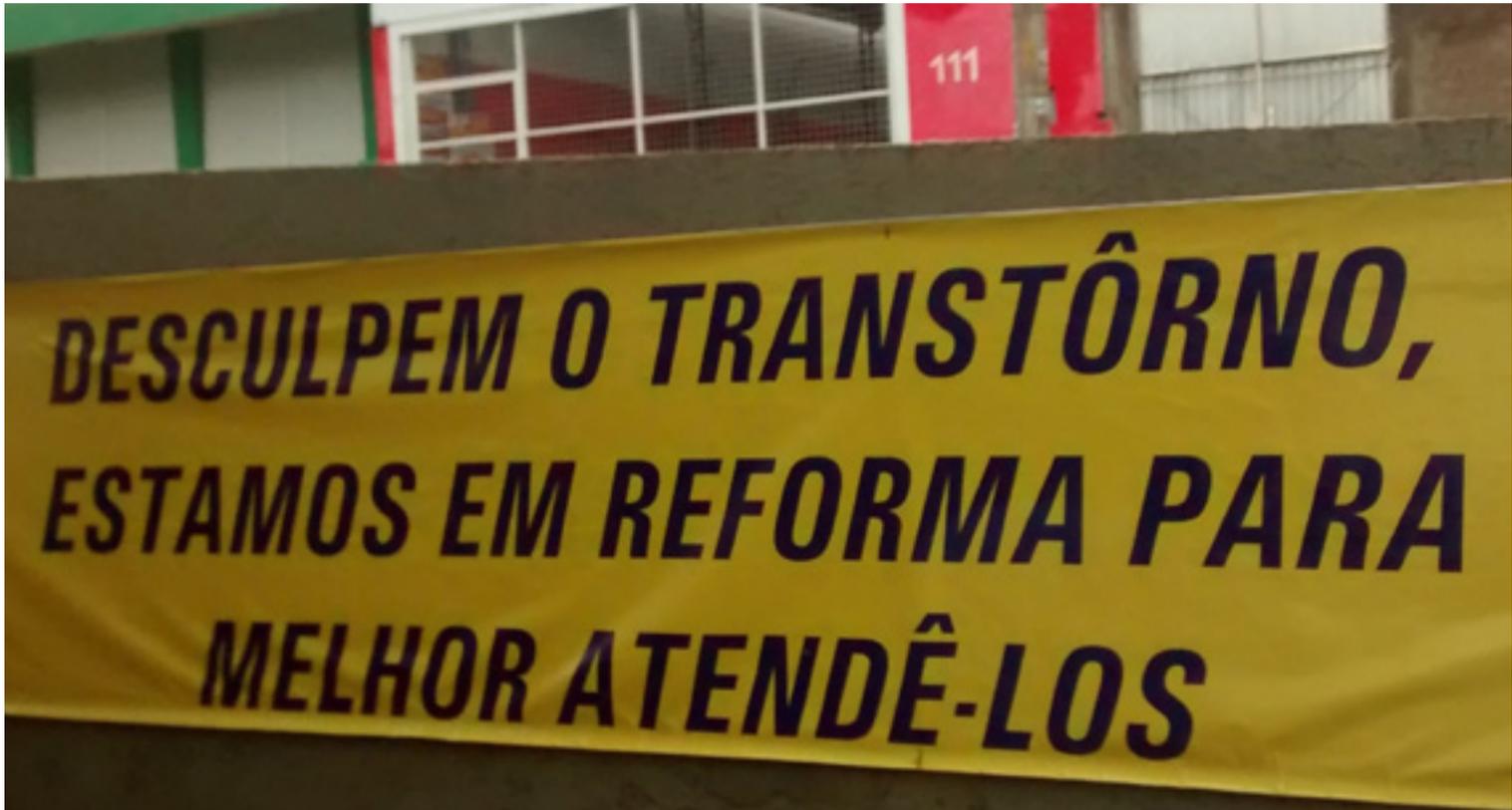
Introdução e problematização

De acordo com a gramática tradicional, o uso de acentos em paroxítonas é delimitado pela regra que diz que palavras paroxítonas são acentuadas quando terminadas em: **ditongo, l, n, r, x, um, uns, i(s), us, ã(s) e ps**. Entretanto, há casos em que se observa o uso dessa acentuação em desacordo com a norma estabelecida pela gramática, o que indica o desconhecimento ou interpretação equivocada das regras gramaticais por parte dos falantes. Neste texto, serão apresentados exemplos desse uso inadequado de acentuações de paroxítonas terminadas em **o** do ponto de vista linguístico. Este trabalho possui o objetivo de discutir tal fenômeno como uma possibilidade dada pela língua portuguesa, ou seja, apesar do “desrespeito” à norma padrão, a compreensão do enunciado pelos falantes é completamente possível.

Há várias explicações admissíveis para tal fenômeno, contudo, este trabalho focalizará duas principais: a confusão com as regras do acento diferencial e a focalização pelo falante apenas na sonoridade da palavra, desconsiderando as regras de acentuação.

Corpus

Figura 1 - Faixa de posto de combustível



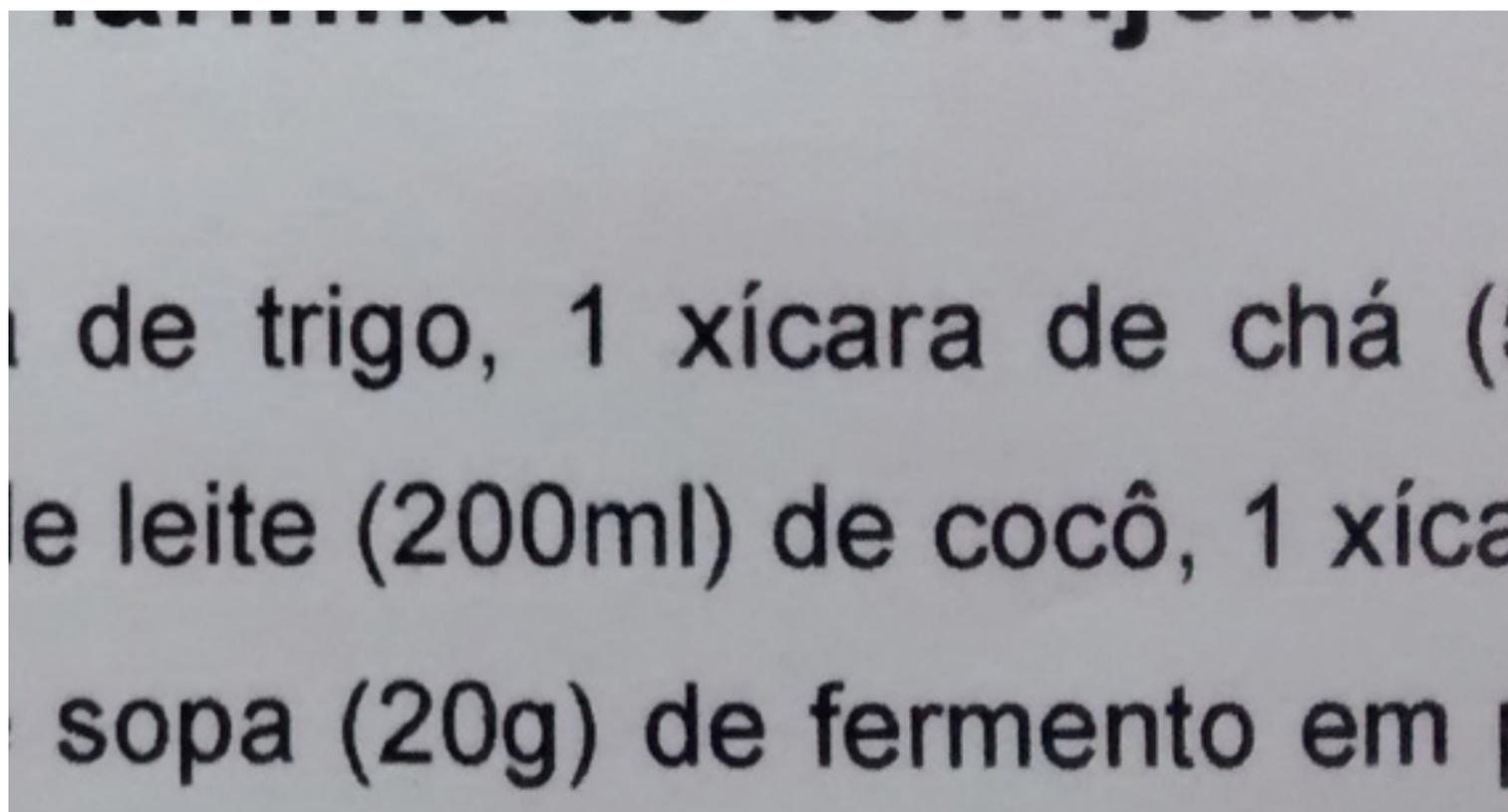
Fonte: Arquivo próprio

Figura 2 - Tabela de preços de um estabelecimento comercial

Água copo	
Água garrafa	2,
Água com gás	2,
Água de Côco	3,
Nescauzinho	2,
Toddy 300ml	3,

Fonte: Arquivo próprio

Figura 3 - Receita culinária



Fonte: Arquivo próprio

Embasamento teórico

Neste trabalho, a seguinte obra foi selecionada para embasar a discussão teórica: *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão*, de Antônio Suárez Abreu (2003).

Na gramática escolhida, a regra geral de acentuação de paroxítonas é apresentada da seguinte forma:

São acentuadas graficamente todas as palavras paroxítonas terminadas em:

a) ditongo (duas vogais pronunciadas dentro de uma mesma sílaba): língua, princípios, próprio, órfão, inventário.

b) l, n, r, x (essas consoantes se encontram na palavra rouxinol, que pode ser usada para não esquecer a regra): útil, amável, hífen, éden, éter, dólar, tórax.

ATENÇÃO: As palavras hifens e edens, no plural, não têm acento, pois terminam em s e não em n.

c) um, uns: álbum, médiuns.

d) i(s), u(s): júri, tênis, bônus.

e) ã(s): órfã, ímãs.

f) ps: bíceps, fórceps. (ABREU, 2003, p. 60)

A regra citada deixa muito claro que palavras paroxítonas terminadas em o não são acentuadas. Por que motivo então, em alguns casos, essas palavras encontram-se acentuadas? Como já dito anteriormente, as hipóteses que explicam

tais equívocos são a confusão com as regras do acento diferencial e a focalização pelo falante apenas no som da palavra, desconsiderando as regras de acentuação. Essas hipóteses serão mais bem desenvolvidas no próximo tópico.

Análise do fenômeno

Para desenvolver as hipóteses que explicam os equívocos de acentuação em palavras paroxítonas terminadas em **o** utilizarei as palavras **transtôrno**, **côco** e **cocô** escritas nas Figuras 1, 2 e 3, respectivamente. De acordo com a norma padrão, essas palavras estão acentuadas de forma incorreta. A pergunta inevitável é: o que levou os falantes a escreverem dessa forma?

No caso da Figura 1, a escrita em desacordo com a norma deveu-se, provavelmente, a uma dedução feita a partir das regras de acento diferencial. Por exemplo, a palavra **pôde**, do verbo poder, recebe acento quando se encontra no passado para diferenciar-se de **pode**, no presente. Apesar de não terminar com a letra **o**, **pôde** é uma paroxítona que termina com a letra **e**, portanto, não deveria receber acento pela regra geral. Ao refletir sobre esse exemplo, o falante pode deduzir que com a palavra **transtôrno** o mesmo ocorra, com a variante de que, em vez de diferenciar verbos, diferenciaria classes de palavras distintas. Assim, **transtorno** indicaria o verbo transtornar-se na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e **transtôrno** apontaria o substantivo transtorno. Uma pergunta pertinente para o momento seria: Por que o falante escolheu colocar o acento no segundo caso e não no primeiro? Para um indivíduo que possui o português como língua materna, a resposta é óbvia: o som fechado, representado no português pelo acento circunflexo (^) do **o** tônico conduziu o falante para que ele acentuasse o substantivo transtorno.

No que diz respeito às Figuras 2 e 3, é possível perceber, pelo contexto, que a intenção dos falantes era escrever a palavra **coco**. Qual seria a explicação para a escrita dessas palavras nas formas **côco** e **cocô**? Para a primeira forma (**côco**) a explicação é que o acento circunflexo foi colocado para indicar a tônica no **o** fechado, devido à consideração apenas do som da palavra e à rejeição da regra geral das proparoxítonas. Já em relação à grafia **cocô**, o equívoco deve-se, provavelmente, à ideia que o indivíduo que escreveu a receita culinária tinha de que **coco** se escrevia **côco** e, por falta de atenção, escreveu **cocô**.

É importante frisar que, apesar da grafia em desacordo com a norma padrão, a compreensão dos enunciados não foi prejudicada (mesmo no caso de **cocô**, em que tal grafia modifica o significado da palavra), graças ao contexto em que estavam inseridos.

Conclusão

Conclui-se, portanto, com este trabalho, que a compreensão de enunciados é possível, mesmo se estes estiverem escritos fora da norma padrão, quando se analisa cuidadosamente seu contexto.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. "Acentuação Gráfica". **Gramática mínima: para o domínio da língua padrão**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MUSSARELA
PRESUNTO
OVOS FRITO
MAIONESE
TOMATES

ANA FLÁVIA SILVA SARDELARI

flasardelari@hotmail.com

A GRAMÁTICA NOS CARDÁPIOS: USOS E CONSEQUÊNCIAS PARA ESTABELECIMENTO E CLIENTES

Resumo: Neste trabalho, serão analisados dois “erros” gramaticais encontrados em cardápios de restaurantes distintos, com o objetivo de identificar a razão de tais usos, as prováveis reações dos clientes e os efeitos provocados nos estabelecimentos. Como resultado da análise, o fenômeno ocorre pela frequente utilização da língua falada na escrita e, portanto, as palavras “incorretas” – do ponto de vista da gramática normativa – não são utilizadas com base na ortografia convencional e regrada.

Palavras-chave: Gramática normativa. Cardápios. Usos. Consequências.

Introdução e problematização

De acordo com a gramática tradicional, o uso da expressão “OVOS FRITO” é banido pela regra de concordância nominal. Entretanto, encontram-se muitos casos de uso “incorreto” dessa expressão e de outras, como é o caso da palavra AMENDOIN, sinalizando uma interpretação equivocada, por parte dos falantes, das regras gramaticais ou, ainda, uma aproximação entre a fala do indivíduo e sua escrita.

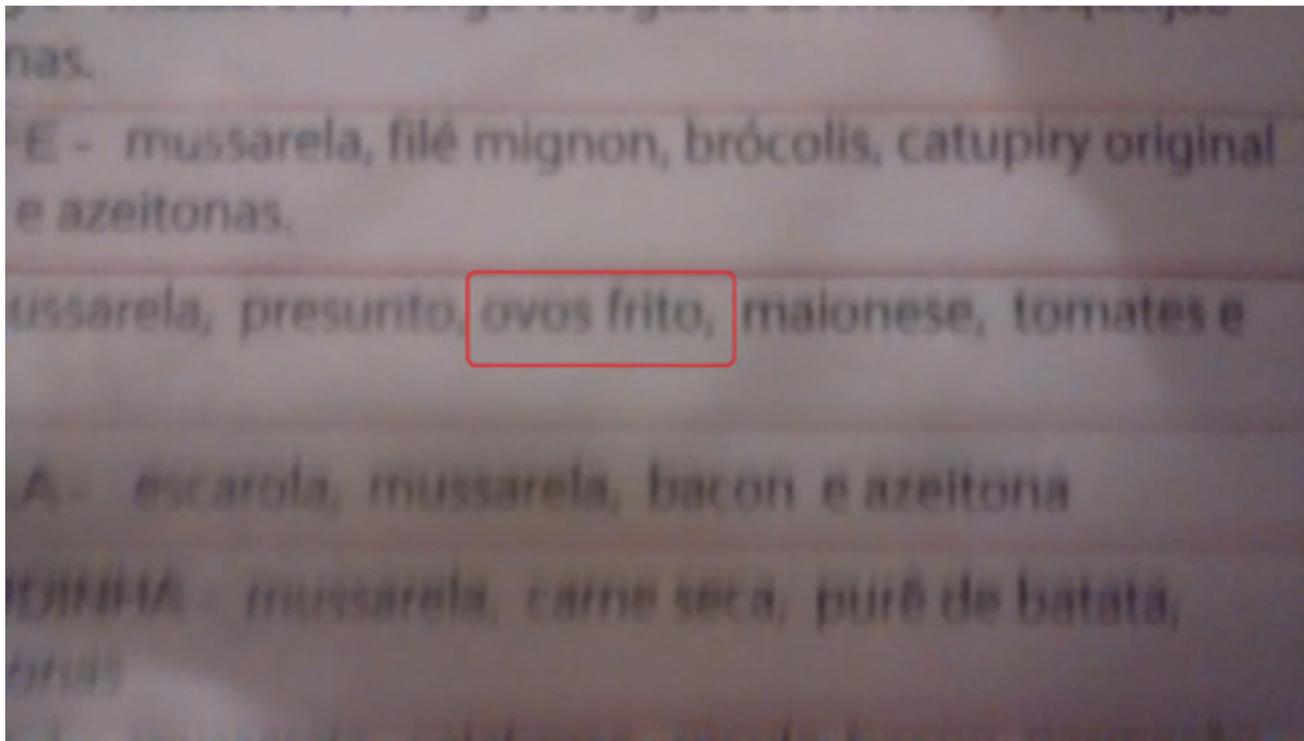
Neste texto, serão apresentados exemplos desses usos inadequados de um ponto de vista linguístico. O objetivo deste trabalho é discutir tal fenômeno como uma possibilidade dada pela língua portuguesa, ou seja, mesmo “desrespeitando” a regra gramatical, o sujeito é compreendido pelos outros falantes.

Corpus

O *corpus* deste trabalho é constituído por dois cardápios de diferentes restaurantes.

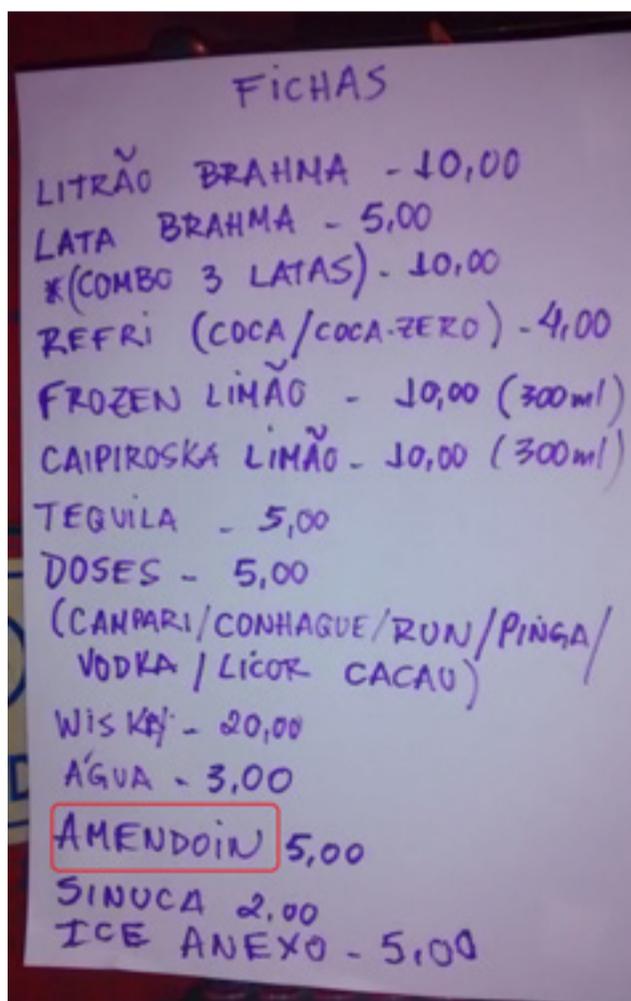
Na primeira imagem, ocorre um erro de concordância nominal, em que se encontra “ovos frito”. Na segunda imagem, houve um provável equívoco com o som da palavra e sua escrita, em que se vê “amendoin”.

Imagem 1 - Ovos frito



Fonte: Arquivo próprio

Imagem 2 - Amendoim



Fonte: Arquivo próprio

Embasamento teórico

Neste trabalho, a seguinte obra foi selecionada para embasar a discussão teórica: *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão*, de Antônio Suárez Abreu (2003).

Na gramática escolhida, a regra de concordância nominal é apresentada da seguinte forma:

A concordância com artigos, pronomes e alguns numerais não oferece nenhum problema em especial. Ninguém terá dúvidas em fazer a concordância em um trecho como: *todas as duas meninas*. Ninguém hesitará, pensando se o certo seria *todo os dois meninas* ou coisa semelhante. O assunto que pode oferecer algum problema é a concordância do adjetivo com o substantivo, em algumas situações especiais. Isso porque, na maior parte dos casos, também não há dúvidas a respeito. Quando alguém diz *as meninas bonitas*, não fica hesitante sobre se deve dizer *as meninas bonito*, por exemplo. (ABREU, 2003, p. 159, grifo do autor)

Desta forma, os erros de concordância são poucos e, quando ocorrem, na maioria das vezes, são equívocos. Porém, em alguns casos, esse fenômeno pode ser interpretado pelos leitores como falta de escolaridade e alfabetização dos funcionários, demonstrando preconceito linguístico. Portanto, a citação acima explica o fato ocorrido na primeira imagem, em que foi escrito “ovos frito”.

Em alguns casos, como mostrado na segunda imagem, as pessoas escrevem da maneira como falam e cometem –de acordo com a ortografia normativa – erros. No entanto, tais usos não devem ser vistos dessa forma, uma vez que, na fala, não se nota a presença da gramática tradicional. Assim, se os falantes compreendem-se, o objetivo da fala como comunicação foi estabelecido e não se deve julgar a escrita de tais falantes.

Análise do fenômeno

A partir da análise do fenômeno linguístico nota-se que, independente da categoria do estabelecimento (local, serviço, estrutura, renda), foram encontrados – aqueles considerados – erros gramaticais nos dois cardápios. Como consequência, pode-se existir um possível preconceito com a qualidade do restaurante ou o nível de escolaridade dos prestadores de serviços. Com isso, os clientes podem desconfiar e não mais frequentar tais lugares.

Esses equívocos gramaticais, entretanto, não devem pressupor a alfabetização dos trabalhadores assim como não devem inferiorizar o estabelecimento. O fenômeno dos erros ortográficos ocorre pelo não uso da gramática normativa na fala e, também, por se basear a escrita nessa fala, como visto na palavra “amendoin”.

É importante observar que ambos os usos – mas, principalmente, em “ovos frito” – podem representar erros de atenção e que mesmo com a ocorrência do fenômeno linguístico, o objetivo principal de comunicação e entendimento foi estabelecido.

Conclusão

A existência da gramática é totalmente compreensível e válida para convencionar uma determinada língua, mas não se deve julgar o indivíduo que escreve de maneira “incorreta”, de acordo com a norma padrão. No cotidiano, a comunicação dos indivíduos por meio da fala é realizada sem a percepção daquilo considerado certo ou errado ortograficamente e, como muitos possuem dificuldade em dissociar a fala da escrita, essa grafia é vista de modo incorreto.

Assim, apesar de o sujeito estar em discordância com as regras gramaticais, a compreensão dos leitores foi realizada. No entanto, existem ainda muitos preconceitos ligados a esse fenômeno que, no caso dos cardápios de restaurantes, as pessoas podem sentenciar precipitadamente os funcionários, os estabelecimentos e, até mesmo, a qualidade dos locais, deixando de frequentá-los.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. **Gramática mínima: para o domínio da língua padrão**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

Imagens retiradas de cardápios de diferentes restaurantes, na cidade de Araraquara/SP.

CAUTRY

LANCHES

XIS CACHORRO

QUENTE

GUSTAVO MARCELINO DE SOUZA

gustavo@iq.unesp.br

O USO INUSITADO DA LÍNGUA INGLESA EM NOMES DE BARES E RESTAURANTES

Resumo: Este estudo é uma análise do uso do idioma inglês para a composição de nomes de bares e restaurantes por todo o Brasil, com foco nos erros de escrita e os motivos que levaram a eles. Para tanto, foram analisadas fotografias da fachada de bares e restaurantes, retiradas, principalmente, do website *Tripadvisor*. Com este breve estudo, foi possível perceber ocorrências inusitadas no uso do caso possessivo e na escrita de palavras em português com grafia em inglês e de palavras em inglês com grafia em português, o que se dá mais comumente pela assimilação fonológica das palavras.

Palavras-chave: Língua inglesa. Neologismo. Escrita. Pronúncia.

Introdução e problematização

O idioma inglês é hoje considerado a língua universal. Graças à política de expansão cultural dos Estados Unidos¹ e da Inglaterra, todos os países do mundo, em maior ou menor grau, incorporaram e ainda incorporam palavras e expressões da língua inglesa. Podemos até encontrar certas estruturas desta língua sendo usadas com mais frequência.

No Brasil, é inegável a presença do idioma inglês no cotidiano das pessoas, principalmente em nomes de estabelecimentos comerciais, como restaurantes, bares e lojas.

Neste estudo, em vez de analisar a ocorrência de palavras em inglês nesses estabelecimentos, serão analisados os erros de escrita e os motivos que levaram a eles.

Corpus

O *corpus* deste trabalho é constituído por nomes de bares e restaurantes encontrados no website *Tripadvisor* e em outros locais na internet.

Embasamento teórico

Neste trabalho, a seguinte obra foi selecionada para embasar a discussão teórica: *Gramática Prática da Língua Inglesa*, de Nelson Torres (2007) e *Inglês na ponta da língua*, de Denilso de Lima (2004). Nessa última, a regra da formação de palavras é apresentada da seguinte forma:

É interessante ainda sabermos se a palavra que estamos aprendendo forma outra palavra ou se é derivada de outra. Em cursos de inglês,

¹ Para maior aprofundamento no tema, ler o livro “O imperialismo sedutor” de Antonio Pedro Tota.

isso é ensinado como formação de palavras. Um exemplo em português seria pedra. Desta única palavra nós podemos formar muitas outras: pedrada, pedregulho, pedreira, pedrado, pedral, pedrar, pedregoso, pedregão, pedreiro, pedrinha etc. Em inglês, posso dar como exemplo a palavra *beautiful* (belo, bonito), que vem do substantivo *beauty* (beleza); *beautiful* forma ainda o advérbio *beautifully* (esplendidamente, magnificamente; nada de traduzir por bonitamente), e ainda temos o verbo *beautify* (embelezar). Com este conhecimento a respeito das palavras, você será capaz de fazer um bom uso de todas as que forem surgindo pelo caminho. É necessário saber a classe gramatical das palavras neste momento, pois assim saberei qual palavra derivada é o verbo, o adjetivo, o substantivo, o advérbio etc. (LIMA, 2004, p. 26)

A regra do uso do caso possessivo em inglês é apresentada a seguir, retirada da *Gramática Prática da Língua Inglesa* (p. 40-41):

O caso possessivo é típico da língua inglesa. Trata-se de colocar um apóstrofo seguido de *s* após o nome do possuidor, que precederá sempre a coisa possuída.

Tradicionalmente, ensinava-se que o caso possessivo (*'s*) aplicava-se a seres animados (pessoas e animais), não devendo ser empregado quando o possuidor era um ser inanimado (coisas e substantivos abstratos). Pessoas obviamente abrangem, além de nomes próprios, parentes em todos os graus, títulos, cargos, funções, profissões e outros substantivos que só podem se referir a pessoas: criança, menino(a), amigo(a), vizinho(a), colega de escola ou trabalho etc. Posteriormente, passou-se a empregar o *'s* também em relação aos corpos celestes, à Terra, ao mundo, aos países, às pessoas jurídicas e similares.

Com a evolução da língua e pela facilidade que o *'s* oferece (aqui surge o problema...), seu uso passou a ser tolerado e finalmente aceito em casos nos quais o possuidor é um ser inanimado. Esse uso, em certos casos, acaba sendo visto como um abuso pelos *native speakers* que possuem boa formação cultural e defendem o que muitos chamam de "proper English", ou seja, o inglês adequado, correto. Assim, locuções como *the system's reliability* (a confiabilidade do sistema), *the garden's lovely flower-beds* (os lindos canteiros de flores do jardim), *the plane's landing gear* (o trem-de-pouso do avião), *the computer's growing importance* (a crescente importância do computador) provavelmente seriam bem vistas pelos defensores do "proper English". Por outro lado, com certeza eles iriam franzir as sobrancelhas ou condenar como inaceitáveis locuções do tipo: *the car's color* (a cor do carro), *the table's legs* (as pernas da mesa), *the telephone's usefulness* (a utilidade do telefone). Não obstante, a tendência de ampliação do uso do *'s* em vez de *of the* é um fato que pode ser comprovado, inclusive por meio da leitura de revistas cujo inglês é considerado de ótima qualidade. Isso acabou transformando esse tema em um dos mais polêmicos da moderna gramática inglesa. A solução, a nosso ver, é ficar atento e não radicalizar.

Além desta gramática, o website *Fonética & Fonologia* foi utilizado para a transcrição fonética das palavras².

Análise do fenômeno

Foi possível perceber três ocorrências do inglês de forma inusitada. São elas: o uso do caso possessivo; palavras em português com grafia em inglês e palavras em inglês com grafia em português.

CASO POSSESSIVO

O 's é uma das maiores ocorrências do inglês em nomes de estabelecimentos comerciais. Segundo Roberto Pompeu de Toledo em seu ensaio "Uma paixão dos brasileiro's", somos apaixonados pelo 's, o que é uma forma de expressar nosso amor e respeito pelos Estados Unidos³. Observando a questão normativa, Toledo ainda orienta:

Não venha o leitor observar que está errado, que esse 's nada tem a ver com o caso possessivo da língua inglesa. O inglês de nossas ruas não é o de Shakespeare. É o inglês recriado no Brasil, como em 'motoboy'. O 's de drink's está lá talvez para indicar plural, mas com certeza para conferir beleza e vigor americanos ao ato, de outra forma banal, de avisar os clientes de que ali se servem bebidas (ibidem).

Aqui, no entanto, o uso gramatical da língua será nossa base para este breve estudo, até mesmo para tentar corroborar a existência deste tal "inglês brasileiro".

Sobre este tema, podemos dividir o uso equivocado do 's nas duas ocorrências seguintes.

O 's no lugar do plural

Além do exemplo citado acima, foi feita uma compilação com alguns usos dos 's como plural, que pode ser vista a seguir. Este uso nos leva a acreditar que o dono do estabelecimento, por não conhecer as regras de uso deste sinal gráfico, deve tê-lo associado ao uso que fazemos da desinência -s no português, ou seja, como marca de plural. Este erro é um dos mais comuns em aprendizes de língua inglesa.

² FONÉTICA & FONOLOGIA: Sonoridade em artes, saúde e tecnologia. Disponível em: <<http://www.fonologia.org/>>. Acesso em: 02 dez. 2014

³ TOLEDO, Roberto Pompeu. Uma paixão dos brasileiro's. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/140307/pompeu.shtml>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

Imagem 1 - Bovinu's



Fonte: <http://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g303631-d4530938-Reviews-Bovinu_S-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html>

Imagem 2 - Carlito's



Fonte: <http://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g303536-d2342051-Reviews-Carlito_s-Gramado_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html#photos>

Aliás, não só em aprendizes. Nos países de língua inglesa existe até um nome para este fenômeno: *greengrocer's apostrophe*, que em tradução livre significa “apóstrofo do quitandeiro”⁴.

A origem desta expressão é explicada a seguir:

Este mau uso comum foi carinhosamente apelidado de ‘apóstrofo do quitandeiro’ por especialistas no uso do inglês. Não é realmente justo destacar quitandeiros, uma vez que outras profissões e muitas pessoas também usam apóstrofes desta forma. Mas o apóstrofo do quitandeiro é mais comum em sinais escritos à mão e quitandeiros

⁴ CAMARGO, Denis. Como Usar Apóstrofes na Língua Inglesa. Wikihow. Disponível em: <<http://pt.wikihow.com/Usar-Ap%C3%B3strofos-na-L%C3%ADngua-Inglesa>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

estão proeminentes entre aqueles que muitas vezes têm de escrever rapidamente avisos informais para exibição pública (tradução nossa).

A ausência do 's como genitivo

É comum encontrarmos placas do tipo “Snooker Bar”. O caso possessivo em inglês é “usado basicamente para mostrar que algo pertence ou está associado a alguém ou a algum elemento. O 's vem após o nome do possuidor, que precederá sempre a coisa pertencente”⁵.

Vamos analisar o exemplo dado. Um estabelecimento chamado Snooker bar certamente quer significar “Bar da sinuca” e não “Bar Sinuca”. Para tanto, o correto seria usar o 's para formar o caso possessivo.

Imagem 3 - Snooker Bar



Fonte: Arquivo próprio

Palavras em português com grafia em inglês

É notório o uso de palavras do nosso idioma sob uma forma estranhamente anglicizada. Este artifício pode parecer ao proprietário que seu estabelecimento tem exclusividade, novidade ou juventude. Independentemente do objetivo, esta transformação tem ocorrido não só em nomes de bares e restaurantes, mas nos mais variados tipos de empresas e instituições.

Tomamos como exemplo o restaurante SPETTUS Steak House.

5 <<http://www.solinguainglesa.com.br/conteudo/substantivo17.php>>

Imagem 4 - SPETTUS Steak House



Fonte: <http://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g304560-d6537614-Reviews-Spettus_Steak_House-Recife_State_of_Pernambuco.html#photos>

A tradução de “espeto” para o inglês é “skewer”. Observa-se aí que *spettus* não é, portanto, um falso cognato.

Analisaremos a seguir como a palavra “espeto” passa por uma anglicização:

Primeiro, foi retirado o E inicial que, apesar de não ser pronunciado em português (temos uma transcrição fonética padrão como [s'petu]), não há em nossa língua ocorrência de S em início de palavra. Em inglês, no entanto, a ocorrência abunda (por exemplo: *star*, *score*, *stout*, *spare* e coincidentemente *skewer*).

Segundo, aparece a duplicação do T. Mais uma vez, a duplicação de consoantes, em português, é incomum. Ela ocorre na formação de dígrafos (rr, ss) e no caso especial da letra C⁶. Já em inglês, podemos encontrar consoantes duplicadas sem que a pronúncia necessite de sua existência (como em *attic*, *intelligence*, etc.). São simplesmente resquícios históricos da formação da palavra.

Por último, vemos a palavra terminada no sufixo -US. O aparecimento desta terminação em português ocorre em palavras originadas do latim (*ângelus*, *câmpus*, *ônus*, *lúpus*) que não obedeceram à Lei Fonética da simplificação articulatória, como a transformação da palavra latina *oculus* para *oclu* e finalmente *olho*⁷, ou importadas do inglês (*ônibus*, *trólebus*, *vírus*). Todas elas são invariáveis. Encontramos no inglês variadas classes de palavras com tal terminação: desde substantivos (*apparatus*, *aquarius*), pronomes (*us*), até, principalmente, adjetivos (*ridiculous*, *outrageous*). Podemos, por fim, fazer uma comparação entre nosso

6 SILVA, Márcio Candido. Emprego das letras M/N e consoantes dobradas. Candido Silva – Advocacia e Consultoria Jurídica. Retirado de: <<http://www.candidosilva.adv.br/conteudo.php?id=97>>. Acesso em: 09 dez. 2014. “Na Língua Portuguesa somente se duplicam as consoantes R – S – C. Quanto à letra C, duplica-se por questões etimológicas. Já em relação às letras R e S, a duplicação se deve para obtenção de determinado efeito fonético. É o que ocorre, por exemplo, na palavra *casa*, em que o emprego de uma única letra S, intervocálica, determina o valor fonético de /zê/, porém, para obtenção do valor fonético de /sê/, há necessidade de duplicar-se a letra S, como ocorre na palavra *massa*, que deve ser pronunciada /m/á/ç/a/enão m/á/z/a.”

7 ARRUDA, Francisco E. C. O passado das línguas e as línguas do passado. Disponível em: <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/24/imprime178235.asp>>. Acesso em: 29 dez. 2014.

sufixo que designa masculino e plural -os e o sufixo -us e perceber que o último “angliciza” ainda mais a palavra: *spettos x spettus*.

Palavras em inglês com grafia em português

Podemos considerar que este erro gramatical ocorre quando tentam escrever palavras inglesas, mas, por desconhecimento, transcrevem-nas como são percebidas através da pronúncia. É também o de menor ocorrência e que ocorre em estabelecimentos menos sofisticados.

O exemplo a ser usado é: Cautry Lanches.

Imagem 5 - Cautry Lanches



Fonte: <<http://www.kibeloco.com.br/2013/08/09/pracas-do-braziu-partes-2401-a-2420/>>

Como podemos perceber, a palavra *cautry*, oriunda da palavra inglesa *country*, foi escrita baseada na percepção auditiva do dono do estabelecimento, já que a pronúncia desta palavra no Brasil é [‘kaũtri], apesar da pronúncia em inglês norte-americano ser [‘kʌntri] ⁸.

Conclusão

Com este trabalho, pôde-se concluir que o uso incorreto da língua inglesa em estabelecimentos comerciais ocorre, quanto ao caso possessivo, com a utilização do 's como estilização do plural em português; em outros casos, falta este artifício para a construção do nome do bar ou do restaurante. Ocorre também uma mistura dos dois idiomas na construção de palavras, quer utilizando palavras de origem portuguesa, recriando-as de modo a parecerem anglicizadas, quer utilizando

⁸ Country. In: Learner's Dictionary. Disponível em: <<http://www.learnersdictionary.com/definition/country>>. Acesso em: 29 dez. 2014.

palavras de origem inglesa com grafia errada, o que se dá mais comumente pela assimilação fonológica das palavras.

Referências

ARRUDA, Francisco E. C. O passado das línguas e as línguas do passado. **Revista Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/24/imprime178235.asp>>. Acesso em: 29 dez. 2014.

CAMARGO, Denis et al. Como Usar Apóstrofos na Língua Inglesa. **Wikihow**. Disponível em: <<http://pt.wikihow.com/Usar-Ap%C3%B3strofos-na-L%C3%ADngua-Inglesa>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

FONÉTICA & FONOLOGIA: Sonoridade em artes, saúde e tecnologia. Disponível em: <<http://www.fonologia.org/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

LIMA, Denilso de. **Inglês na ponta da língua**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

TOLEDO, Roberto Pompeu. Uma paixão dos brasileiro's. **Veja.com**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/140307/pompeu.shtml>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

TORRES, Nelson. **Gramática Prática da Língua Inglesa**. São Paulo: Saraiva, 2007.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ELA VIRÁ A
OÃÇUJOVER
ETRARÁ A TO
O DIREITO DS
NÃO SOMENTE AO
PÃO MAS TAMBÉM
À POEZIA.

JAQUELINE MELO DE ALMEIDA SILVA

jaque_almeida@outlook.com

PONTUAÇÃO: O USO DA VÍRGULA

Resumo: As gramáticas normativas preveem uma série de regras para o uso da pontuação. Veremos o caso da vírgula especificamente, para sabermos até que ponto as pessoas absorvem essas normas e as utilizam. Abordaremos, ainda, como o leitor recebe esses textos e observaremos que, apesar de poder causar ambiguidade, a depender do contexto, fica fácil para o leitor saber a intenção comunicativa do autor.

Palavras-chave: Vírgula. Pontuação. Gramática.

Introdução e problematização

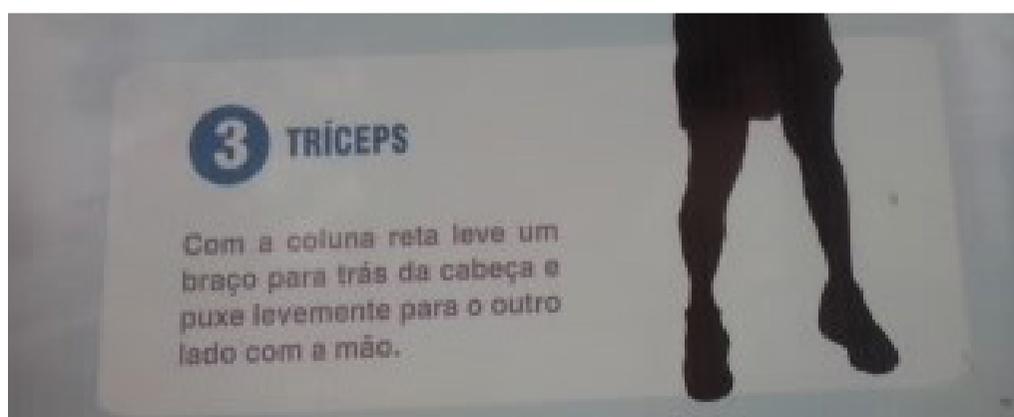
A gramática tradicional vai apresentar uma série de regras para o uso da vírgula. Dentre essas, trataremos de duas específicas quanto ao seu uso: em situações em que o adjunto adverbial está fora da posição padrão e no caso em que há um aposto. É importante notar que em ambas as situações o uso da vírgula é obrigatório, de acordo com a gramática tradicional.

Apesar disso, nós podemos perceber muitos casos em que o uso da vírgula é suprimido, o que demonstra falta de conhecimento das regras gramaticais. Neste texto, apresentaremos exemplos desse uso equivocado do ponto de vista linguístico. Veremos que tal fenômeno existe por ser uma possibilidade dada pela língua portuguesa, ou seja, mesmo “desrespeitando” a regra gramatical, o sujeito é compreendido pelos outros falantes.

Corpus

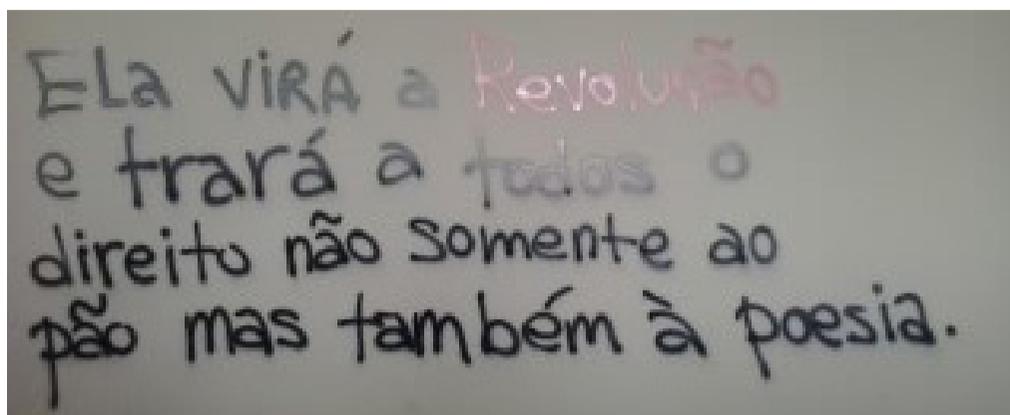
O corpus deste trabalho é constituído por duas imagens.

Imagem 1 – Exercícios na praça (Sumaré/SP)



Fonte: Arquivo próprio

Imagem 2 - Área de livre expressão artística da UNESP/Araraquara



Fonte: Arquivo próprio

Embasamento teórico

Neste trabalho, a seguinte obra foi selecionada para embasar a discussão teórica: *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão*, de Antônio Suárez Abreu (2003).

Na gramática escolhida, a regra do emprego da vírgula é apresentada da seguinte forma:

Quando falamos, nunca pronunciamos as palavras isoladamente, ou seja, não dizemos coisas como:

/ O / congresso / aprovou / o / orçamento /.

As crianças que estão aprendendo a ler fazem isso, muitas vezes, mas logo são corrigidas, para não lerem de modo artificial.

Quando falamos, juntamos as palavras em unidades ou blocos fonéticos chamados grupos entoacionais ou prosódicos. Assim, a frase anterior compõe-se de um único bloco prosódico:

/ O congresso aprovou o orçamento /.

Se reunirmos duas orações como:

/ O congresso aprovou o orçamento / depois que os partidos entraram em acordo /

observamos que, justamente na fronteira entre a oração principal (a primeira) e a subordinada (a segunda), houve uma quebra de ligação entoacional que devemos assinalar, na escrita, por meio de uma vírgula. (ABREU, 2003, p. 248-249).

Vemos, portanto, que o papel da vírgula – e de todos os sinais de pontuação – é indicar ao leitor as pausas e quebras de ligação entoacional que temos na fala. Há diversas regras no que se refere ao uso da vírgula e dessas veremos duas especificamente a seguir, na análise do fenômeno.

Análise do fenômeno

Segundo a gramática tradicional, há situações em que o emprego da vírgula se torna obrigatório, já que elas são “recursos gráficos utilizados para assinalar, na escrita, as quebras de ligação entoacional marcadas pela sintaxe e que promovem o ‘empacotamento’ das frases de um texto em blocos prosódicos” (ABREU, 2003, p. 249).

Apesar disso, nas frases (1) “Com a coluna reta leve um braço para trás da cabeça e puxe levemente para o outro lado com a mão” vemos que o adjunto adverbial de modo “com a coluna reta” deveria ser seguido de vírgula, já que está fora da sua posição padrão (final da oração). Porém, isso não acontece.

E no exemplo (2) temos “Ela virá a Revolução e trará a todos o direito não somente ao pão mas também à poesia” em que também percebemos a falta de vírgulas entre o aposto “a revolução” já que esse é sempre pronunciado como um bloco prosódico independente e, portanto, deveria vir entre vírgulas, segundo a gramática prescreve.

Na segunda frase, podemos notar que “ela virá a revolução” poderia ser interpretada como uma oração em que “ela” seria o sujeito e “virá” o verbo transitivo indireto e “a revolução” ser interpretada, portanto, como objeto indireto. Nesse caso, o “a” deveria ter o acento grave. Essa interpretação, no entanto, seria rapidamente descartada, já que no contexto não há referência anterior ao pronome “ela”, ficando claro que o termo “a revolução” se refere exatamente ao pronome.

Nos casos em que há a pausa de pontuação, o leitor tem, então, que “adivinhar” essas pausas, o que não causa grandes problemas nos dois casos. O uso da pontuação de forma correta torna-se necessário, no entanto, pois é importante notar que há construções que podem se tornar ambíguas com a falta de pontuação.

Podemos perceber que isso ocorre devido ao pouco conhecimento que os autores das frases demonstram quanto às regras do uso da pontuação. Podemos apontar dois motivos para esse fato: o pouco acesso à educação de qualidade e ao fato de, em nossa cultura, o hábito de leitura ser relativamente pequeno.

Conclusão

Podemos concluir que, por vezes, o uso da língua se dá de forma diferente em relação ao que as gramáticas prezam e ditam, o que não significa, no entanto, que a mensagem deixa de ser transmitida.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. “11. Pontuação”. **Gramática Mínima: para o domínio da língua padrão**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

**BORRRA-
CHARIA
Á 5000
METROS**

LAÍS CREPALDI HENRIQUES

lais.crepaldi@hotmail.com

CONFUSÕES COM A CRASE: POR QUE ELAS ACONTECEM?

Resumo: O emprego do acento da crase é um assunto que confunde muito as pessoas. Isso faz com que elas, às vezes, empreguem-no em lugares incorretos e de maneira incorreta, chegando até a confundi-lo com o acento tônico (´). Neste trabalho, será apresentado um exemplo desse mau uso, que desencadeará uma discussão sobre tal, chegando a conclusão que o que faz os falantes de língua portuguesa errarem tanto é um trauma gerado pela maneira como o assunto é discutido pela sociedade e pela escola.

Palavras-chave: Crase. Uso. Incorreto. Acento. Grave.

Introdução e problematização

“Crase é a fusão de duas vogais iguais em uma só vogal”. Na língua portuguesa, empregamos o acento da crase para indicar a junção do “a” (preposição) com o “a” (artigo). Portanto, podemos concluir que não existe o emprego da crase antes de verbos e artigos indefinidos. Principalmente, não é possível que exista o emprego da crase antes de substantivos masculinos, já que o artigo “a”, imprescindível quando se fala de crase, só acompanha substantivos femininos. Também não se usa crase antes de expressões de tratamento como “Vossa Excelência”, “Vossa Senhoria”, etc. Ainda de acordo com a gramática tradicional existem duas exceções de uso: com a palavra “terra” e com a palavra “casa”. Em outros casos, há o uso facultativo do acento da crase, que aqui não será aprofundado.

Entretanto, encontra-se um número muito grande de erros em variados tipos de texto, jornais, revistas, artigos, propagandas, etc. Na verdade, há erros de escrita relacionados à crase em todos os lugares. Dada a explicação, usá-la parece algo simples, mas na prática gera muitas dificuldades. Isso é consequência de uma série de confusões.

O objetivo deste trabalho é discutir essas confusões e analisá-las em uma placa. Tais confusões geram traumas nos falantes de língua portuguesa, fazendo com que esses erros fiquem ainda mais exacerbados, além de contribuir para o preconceito linguístico, algo muito presente na nossa sociedade.

Corpus

Imagem 1 - Borracharia á 500 metros



Fonte: Arquivo próprio

Embasamento Teórico

Neste trabalho, a seguinte obra foi selecionada para embasar a discussão teórica: *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão*, de Antônio Suárez Abreu (2003).

Na gramática escolhida, a regra para o emprego do acento da crase é expressa da seguinte forma:

[...] esse acento grave somente é utilizado quando duas condições necessárias estiverem presentes:

1ª condição: existir uma palavra, à esquerda do a, que exija a preposição a;

2ª condição: existir uma vogal a, à direita dessa preposição, normalmente representada pelo artigo a. [...]

Podemos, neste momento, concluir que não existe crase e, portanto, acento grave antes de:

a) substantivo masculino: "Os povos antigos andavam a cavalo".
"Muitas lojas vendem a prazo".

b) verbo: "Ela continua a examinar os relatórios".

c) artigo indefinido: "Ontem, fui a uma festa".

d) expressões de tratamento como Vossa Excelência, Vossa Senhoria:

“Escrevi uma carta a Vossa Excelência”.

De fato, nunca ouvimos, por exemplo, um deputado dizer a outro em plenário uma frase como: “A Vossa Excelência permite um aparte?” Ele diria, sim, “Vossa Excelência permite um aparte?” Em todos esses casos está faltando a segunda condição.

A mesma coisa acontece com a palavra terra com significado oposto a bordo. Os marinheiros que ficavam no alto do mastro de uma embarcação, quando avistavam terra, diziam - “Terra à vista!” e não - “A terra à vista!” Logo, teremos de escrever “Os marinheiros desceram a terra”, sem o acento grave da crase, já que terra, nesse sentido, não admite o artigo a. [...]

Algumas vezes, a segunda condição, embora não exista em situações normais, pode passar a existir. Ninguém diz, por exemplo: “Vim da casa agora”, mas “Vim de casa agora”, ou seja, a palavra casa, no sentido de lar onde moramos, não admite o uso do artigo. Por esse motivo, dizemos “Voltei a casa, para pegar minha pasta”, sem o acento grave da crase. Basta, entretanto, que essa palavra apareça modificada por uma expressão, para passar a admitir artigo e, em consequência disso, admitir o acento da crase, como ocorre em: “Hoje fui à casa de Débora”. (ABREU, 2003, p. 66-68)

O autor do texto contido na imagem cometeu um erro, segundo a gramática normativa. A letra **a**, nessas condições, não precisa do acento tônico. Ele, como muitos falantes, pensou que a letra **a** não deveria “não ter nada”, pois está em condições “parecidas” com as de uso do acento da crase. Então, além de confundilo com o acento tônico, empregou-o de maneira incorreta. Como está explicado no fragmento acima, quando acompanhada de expressões masculinas, a letra **a** não pede a crase. Isso acontece porque muitos não conseguem assimilar uma letra **a** “neutra” acompanhando expressões de distância, dias da semana e até naquelas que contêm verbos.

Análise do fenômeno

Quando aprendemos o emprego do acento da crase na escola, normalmente, o assunto é colocado como algo que necessita que o aprendiz decore todas as regras. Quase todos os assuntos de gramática são tratados assim. Isso faz com que o aluno se esqueça delas logo após ter feito a prova. Ele não as pratica nem nos seus textos, quanto mais na vida real. Por isso, quando cresce já não sabe mais como escrever da maneira que é considerada correta para os gramáticos.

Somado a esse esquecimento, temos o dia a dia. Os indivíduos convivem com expressões como **às vezes, à noite, à tarde, à esquerda, à direita, à moda de**, etc. e acabam por tomá-las como regra, deduzindo que a letra **a** deve sempre ter um acento em condições parecidas com essas. Dessa maneira, é muito comum que se encontrem placas com grafias como: **à prazo, dia à dia, de segunda à sexta, à 40 metros**, etc. Os antigos alunos ficaram tão traumatizados com a quantidade de regras que, além de esquecer-las, nem tentaram aplicá-las. O que eles assimilaram,

de uma maneira totalmente distorcida, é o que encontraram na sua rotina.

Além disso, muitos confundem o uso do acento grave da crase com o acento tônico, como é o caso da placa mostrada na Imagem 1. O tempo, as confusões com o assunto e o seu mau uso resultaram em muitas outras placas assim. Para muitos, o acento tônico e o acento grave não têm diferença. E se a pessoa já ouviu alguma vez que em expressões de distância a crase não deve ser usada, passa a achar que o acento tônico é a solução, pois o seu dia a dia já lhe mostrou que em expressões assim a letra a deve sempre ter um acento.

Conclusão

A gramática normativa deve ser ensinada nas escolas, mas não da maneira como é feita. O objetivo dela é gerar uma uniformidade na escrita através de regras, que não devem ser aplicadas forçando o aluno a decorá-las. O resultado disso é o contrário do esperado: mais pessoas escrevendo da maneira considerada errada segundo essa gramática.

Neste trabalho, foi discutido um desses erros frequentes: o uso do acento grave da crase. Os alunos são obrigados a decorar as regras de uso e normalmente não as colocam em prática na vida real. Eles assimilam o que veem no seu cotidiano todos os dias e acabam por contribuir com mais erros e mais pessoas cometendo enganos.

Uma consequência grave disso é o preconceito linguístico que vem da parte dos poucos que sabem aplicar as regras corretamente, pois esses também não aprenderam na escola que gramática normativa é apenas mais uma maneira da língua portuguesa e que quem difere dela não fala errado, fala apenas de outra maneira. O aluno que teve aula de gramática, mas não sabe usar as regras também não aprendeu isso, então, quando descobre seus erros, se acha burro e se pune por algo que não deveria.

Se o nosso ensino fosse mais prático e moderno, não passaríamos por esses constrangimentos. Os acentos graves não seriam confundidos com os acentos tônicos e ambos seriam corretamente aplicados. Se os professores de gramática explicassem o que ela é para a língua em vez só de despejar as regras, não existiria o preconceito linguístico. Se os alunos colocassem em prática o que aprendem, erros como o mostrado neste trabalho seriam menos frequentes.

Referências

ABREU, Antônio S. “Emprego do Acento Grave da Crase”. **Gramática mínima: para o domínio da língua padrão**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003. p. 66-68.

LIBERA

- A -

PROIBIDA

FABRÍCIO ANTÔNIO PILAN

fapeqps@gmail.com

DEVASSA E PROIBIDA: A HISTÓRIA DOS RÓTULOS DE CERVEJA COM NOMES INUSITADOS

Resumo: Esta pesquisa científica irá analisar a influência no público consumidor do uso de palavras de teor sensual em duas marcas de cerveja: Devassa e Proibida. Para tanto, utilizaremos os estudos de Mikhail Bakhtin sobre a comunicação mercadológica pelo *merchandising* e artigos diversos da internet.

Palavras-chave: Devassa. Proibida. *Merchandising*. Cerveja.

Introdução e problematização

De acordo com a gramática tradicional, “Devassa” e “Proibida” são adjetivos que se empregam tipicamente para significar atributos ou propriedades de seres e coisas nomeados pelos substantivos cuja classe gramatical de palavras variáveis que denominam os seres. A presença do adjetivo no discurso sempre pressupõe um substantivo ou pronome substantivo a que esteja se referindo (AZEREDO, 2013, p. 169).

A ideia dos nomes atribuídos a tais cervejas atingiu seu propósito, uma vez que a comunicação mercadológica e a escolha do estilo de um enunciado e sua consequente classificação como gênero discursivo é uma seleção de meios linguísticos. Ambas as cervejas, conseqüentemente, querem causar um estado de espírito único e autêntico, um pouco de “segundas intenções”.

Segundo Bakhtin, “As mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros dos discursos” (2003, p. 267) e à comunicação mercadológica (*merchandising*). O lançamento da mercadoria certa, na quantidade certa, no momento certo, no lugar certo, pelo preço certo e com um *design* caloroso são técnicas que convergem todas as suas ações no ponto de venda, no momento da compra, entendido como o momento de resposta às ações efetuadas. Rotulação, decoração, disposição diferenciada, material promocional e degustação são algumas das atividades que se encaixam neste tipo de *merchandising*.

É criado um efeito de sentido pelos referidos nomes em relação ao consumidor e é utilizada uma figura de linguagem conhecida como “figura de pensamento”.

Corpus

O *corpus* deste trabalho é constituído pelas histórias da criação dos nomes das cervejas “Devassa” e “Proibida”.

As expressões usadas para a cerveja Devassa são: “Todo mundo tem um lado devassa”; “A cerveja bem devassa”; “Um tesão de cerveja”. As expressões usadas para a cerveja Proibida são: “Ela vem chegando. E vem gostosa”; “Libera a Proibida”; “As Tchecas Proibidas chegaram para liberar”. Em uma criativa tática de

marketing, a campanha publicitária da cerveja Proibida foi exibida com a imagem de duas garotas tchecas.

Imagem 1 - Devassa



AQUI SE FAZ, AQUI SE BEBE.

Devassa é uma cervejaria que nasceu para ser *cult*. Começa pelo nome, uma cervejaria que se auto-proclama “Devassa” deve ser, no mínimo, espirituosa. Alguém que vale a pena conhecer. Devassa é um estado de espírito. Aquele astral que atrai coisas boas, pessoas interessantes, papos divertidos. Pedir uma Devassa também tem uma pitada de “segundas intenções”. Devassa é um descompromisso debochado. Quem bebe Devassa procura liberdade. Nada de fazer tipo, caras e bocas, fingir ser o que não é. Devassa é autêntica. Devassa faz a vida ser mais gostosa. É um tesão de cerveja.

Fonte: DEVASSA CERVEJARIA. Manifesto. Disponível em: <<http://www.franquiasdevassa.com.br/valores.php>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

Imagem 2 - Proibida



Fonte: Arquivo próprio

O texto abaixo foi retirado de entrevista realizada por Marcelo Grippa com Jader Rosseto, responsável pela criação e direção da campanha da cerveja para a *Revista Exame*:

Por que a cerveja se chama “Proibida”?

Jader Rosseto – Porque é um ótimo nome pra cerveja! Vem do fato de que é uma bebida Premium por um preço que não se pode pagar no mercado. Uma boa cerveja, com qualidade e preço baixo, é algo proibido no mercado hoje. Os programas jovens já estão dominados pelas marcas concorrentes. Então para entrar no mercado com eficiência, tem que ter uma ação inteligente e diferenciada como essa.

Embasamento teórico

Neste trabalho, as seguintes obras foram selecionadas para embasar a discussão teórica: *Gramática Houaiss*, de José Carlos de Azeredo (2013) e *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss (2001).

Na gramática escolhida, a regra de utilização de substantivos, adjetivos e de figuras de pensamento, respectivamente, é a seguinte:

Os seres a que fazemos referência no discurso podem ser entendidos como classes de objetos - país, estrela, piloto, clube, remédio -, ou como membros únicos em suas classes - Portugal, Vênus, Ayrton Senna, Flamengo, Melhoral. Chamam-se comuns os substantivos que, como país, denotam os seres na condição de membros de classes ou espécies [...]. (AZEREDO, 2013, p.156).

São adjetivos os lexemas que se empregam tipicamente para significar atributos ou propriedades dos seres e coisas nomeados pelos substantivos. Por isso, a presença do adjetivo no discurso sempre pressupõe um substantivo ou pronome substantivo ao qual esteja se referindo. O adjetivo está sujeito às mesmas alterações mórnicas que caracterizam o substantivo: emprego de - s - com as respectivas mudanças morfofonéticas - para a expressão do plural (homem valente - homens valentes, menino chorão - meninos chorões). (idem, p.169).

O desvio se dá no sentido geral da frase, no entendimento total da mensagem. Essas figuras manifestam seu rendimento no desacordo da relação de verdade entre o que se diz literalmente e a realidade da qual se fala. Assim, é fundamental o conhecimento do referente, para a perfeita apreensão do sentido que se pretende atribuir ao enunciado. (idem, p.496).

As definições dos substantivos e adjetivos encontradas no dicionário são:

Devassa- s.f. 1. ato ou efeito de devassar 2. JUR apuração minuciosa de ato criminoso mediante pesquisa e inquirição de testemunhas 3. JUR processo que registra as provas desse ato 4. p.ext. conjunto de atos e cuidados realizados para apurar alguma coisa; sindicância, inquérito 5. JUR instaurar processo criminal. 6. JUR despachar o processo em vista da devassa. 7. JUR instaurar ou prosseguir um processo, com base nos termos da devassa.

Proibido- /o-i/ adj. 1 que não é permitido <entrada p.> <filme p. menores> 2 que a lei não permite; ilegal, ilícito <droga p.>

O uso dos nomes “Devassa” e “Proibida” como nomes próprios aplicados às referidas bebidas se encaixa parcialmente nas regras da nossa gramática tradicional, pelo fato de não trazer informações suficientes para o entendimento de qualquer leitor. Este tipo de *marketing* é tão e somente direcionado para um público-alvo que já é familiarizado com o tema. O uso de figuras de pensamento esclarece o fenômeno linguístico em estudo.

Análise do fenômeno

Conforme explicam Rabaiolli e Camargo (2009, p. 6), devido

[...] a muitas e rápidas mudanças que ocorrem no mercado, os anúncios publicitários aperfeiçoam-se constantemente, usam meios diferenciados e abordagens que, centradas em modos inovadores e inventivos de organizar a linguagem, buscam atingir fatias cada vez mais estreitas e ímpares da sociedade. Uma das mudanças dos tradicionais espaços comerciais, separados da programação e com tempo determinado, leva ao surgimento do conceito de *merchandising*.

Segundo Veronezzi (2005, p. 209),

[...] o termo *merchandising* tem sido usado pelo mercado para quase tudo que não seja comercial tradicional, e se tornou a denominação corriqueira para comerciais ao vivo, testemunhais endossados por apresentadores, ações promocionais dentro de programas, musiquinhas cantadas, e até para eventos promocionais, mesmo quando eles não têm nenhum envolvimento com meios de comunicação.

O modo como é exposto à sociedade desperta uma curiosidade e aguça o desejo de consumir. Utilizam-se de atores famosos para vangloriar a imagem dos produtos e como todo fã quer seguir seu ídolo, acabam se tornando compradores

assíduos, consumidores vitalícios da bebida.

A empresa Schincariol, nas vésperas da comemoração do Dia Internacional da Mulher (8 de março de 2010), pagou à atriz Paris Hilton uma grande quantia de dinheiro por uma gravação de aproximadamente 60 segundos. O anúncio é visto como um desrespeito às mulheres, que são exibidas como devassas.

Quando foi lançada, a cerveja Proibida era vendida na região nordestina e, neste último ano, iniciou suas vendas no sudeste brasileiro. Com novo dono, o empresário Néelson Morizono, a empresa CBBP (Companhia Brasileira de Bebidas Premium) situada no Nordeste, abre uma concorrência com duas gigantes do setor, como Ambev (dona das marcas Skol, Brahma, Antarctica, Bohemia e Original) e Brasil Kirin (Schin e Devassa). A empresa também utilizou a figura feminina para lançar seu produto: duas garotas tchecas geraram polêmica e um efeito de sentido único para os consumidores, despertando o interesse por algo proibido. É o fenômeno linguístico exercendo a função mercadológica.

Tais propagandas, antigamente conhecidas como “reclames”, com alto teor sensual, geram o interesse do consumidor em degustá-las e tirar suas conclusões perante o produto.

Conclusão

Apesar das regras normativas prezarem pelo uso dos adjetivos para qualificar um substantivo, as empresas citadas neste texto usufruíram do poder de convencimento através de imagens e palavras. Os significados produzidos pelos enunciados coagiram os consumidores trazendo-os para provarem seus produtos. Ambas, através de uma estratégia de *marketing* ousada, obtiveram, em poucos dias, um lucro de R\$10 milhões para a empresa explorando a imagem da mulher que segue aumentando tanto sua produtividade como suas vendas.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Publifolha, 2013.

CRISTINA, Mara. Proibida: campanha publicitária dá início à nova fase da marca. **Diário do Nordeste**. Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/target/publicidade/proibida-campanha-publicitaria-da-inicio-a-nova-fase-da-marca/>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

GRIPA, Marcelo. A estratégia por trás da cerveja que enganou o Pânico na TV! **Revista Exame.com**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/o-publicitario-que-enganou-o-panico-na-tv>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO; Francisco M. de Mello.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2004.

MUNDO DAS MARCAS. Cerveja Devassa. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2008/05/cerveja-devassa.html>>. Acesso em: 14 dez. 2014.



ESCRITA:
LITERATURA,
REVISTAS,
CURRÍCULOS



FEELING,
CUSTOM
MADE
COUTURE

IVAN GOMES DA SILVA JÚNIOR

ivanjr005@gmail.com

O ESTRANGEIRISMO PRESENTE NA REVISTA VOGUE BRASIL

Resumo: Neste trabalho, serão analisados os estrangeirismos presentes na revista de moda *Vogue Brasil*, com base nas classificações de Bloomfield, o Projeto de Lei instaurado pelo então deputado federal Aldo Rebelo e as considerações de Faraco acerca do tema. Observaremos se o empréstimo é dado pela inexistência de uma palavra com o mesmo significado em português ou se é um recurso estilístico.

Palavras-chave: Estrangeirismo. Moda. *Vogue*.

Introdução e problematização

Será abordado, ao longo deste trabalho, o estrangeirismo presente nas revistas de moda brasileiras, neste caso em específico, o uso do inglês e a influência exercida sobre seus leitores, além de diversos exemplos retirados da revista *Vogue Brasil*, sendo esta a de maior influência neste meio.

O estrangeirismo é proveniente de uma miscigenação cultural, cuja aquisição de empréstimos linguísticos ocorre devido aos processos de colonização e às migrações e se torna, desta maneira, uma constante nos processos culturais.

Conforme Bloomfield (1933), os empréstimos são categorizados em três tipos: íntimos, culturais (externos) e dialetais.

A moda, desde a década de 80, entrou na pauta da sociedade brasileira e, com isso, as pessoas passaram a usar, em seu dia a dia, expressões que figuram esse universo. Vale ressaltar que essa abrangência reúne não somente os especialistas deste meio, como também pessoas leigas no assunto, mas que buscam obter um conhecimento básico para, de certa forma, encaixar-se socialmente.

Tendo em vista que a moda é um segmento globalizado e, por sua vez, o inglês também é uma língua global, o mundo *fashion* busca neste idioma influências na construção de seus termos como meio de facilitação tanto no entendimento como na construção de uma gramática própria e será no destrinchar destes aspectos que este estudo basear-se-á.

Corpus

O corpus deste trabalho é constituído por excertos retirados da revista *Vogue Brasil*, ed. 433, correspondente ao mês de setembro de 2014.

Imagem 1 - Revista Vogue Brasil



Fonte: *Vogue Brasil* (ed. 433, set./2014)

Imagem 2 - Feeling

muito mais que simplesmente
lançar tendências. Isso requer
competência, *feeling*, pesquisa

Fonte: *Vogue Brasil* (ed. 433, set./2014)

Imagem 3 - Custom made e couture

de seu irmão, chamando
"culture algo moderno." Na Chanel, Karl Lagerfeld, que já tinha subvertido recentemente as convenções ao usar luxuosos tênis *custom made* de um jeito meio anárquico, combinados a roupas *couture*, também confrontou os dois conceitos que são o x da questão: tradição versus modernidade. O cenário do desfile no Grand

Fonte: *Vogue Brasil* (ed. 433, set./2014)

Embasamento teórico

Neste trabalho, as seguintes obras foram selecionadas para embasar a discussão teórica: *Estrangeirismo: Guerras em torno da língua*, de Carlos Alberto Faraco (2001) e a tese de doutorado *Os processos de integração dos empréstimos linguísticos em português*, de Renata Torii.

Na tese escolhida, a autora ressalta que o estrangeirismo não se trata apenas de uma questão linguística, conforme explicado:

Neste quadro, o empréstimo linguístico não deve ser compreendido então como um fenômeno exclusivamente lingüístico. Entendê-lo como tal conduz ao pensamento de que o fenômeno possui um caráter homogêneo, como se observa nas tentativas de criar uma única língua comum no mundo inteiro e ainda de excluir as palavras estrangeiras a fim de proteger uma língua pura. As palavras novas entram porque a sociedade receptora as requer. Onde não há necessidade, não haverá empréstimos. Se existirem empréstimos, é porque houve necessidade. (TORII, 2007, p. 11)

A partir dessa citação, observamos o estrangeirismo como uma aquisição política e, principalmente, cultural e não estritamente linguística. Até mesmo pessoas consideradas leigas no assunto conseguem entender os aspectos retratados.

Análise do fenômeno

Os empréstimos linguísticos ocorrem com muita frequência no Brasil; algumas vezes, por não haver palavras que expressem a mesma ideia quando traduzidas e/ou por simples influência norte-americana presente em nossa sociedade, principalmente no mundo da moda, que será o tema abordado ao longo deste trabalho.

A análise feita neste texto é com base na classificação de Bloomfield (1933) acerca do estrangeirismo cultural, ou seja, quando esse empréstimo é um resultado de contatos políticos, culturais e comerciais com outros países.

Sabendo que no círculo fashion, a *Vogue America* é a revista com maior influência e prestígio, podemos logo observar que a influência norte-americana ocorre, também, devido a esse fator.

A ascensão da moda se deu a partir da década de 80, após o fortalecimento econômico mundial. Com isso, se tornou popular em todos os continentes e, após a repercussão midiática dada a este segmento, as pessoas passaram a se interessar mais por esse assunto e, consecutivamente, a usar em seu dia a dia expressões que figuram nesse universo, como: *fashion* (algo ou alguém que está na moda), *trend* (algo que está em evidência), *stylist* (estilista), *vintage* (clássico/antigo), *must-have* (algo que você precisa, como se fosse uma exigência, possuir) e *beachwear* (roupa

de praia e/ou “biquíni”).

O estrangeirismo é um tema abordado com uma frequência significativa pelos especialistas em linguagem, sendo estes divididos entre os que apoiam os empréstimos linguísticos e os que não.

Quanto aos que são contra, temos o então deputado federal Aldo Rebelo, que instaurou um Projeto de Lei nº 1676/99 com a intenção de promover, defender e proteger a língua portuguesa, bem como a sua evolução e afirma que “na inexistência de palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa, admitir-se-á o aportuguesamento da palavra ou expressão em língua estrangeira ou o neologismo próprio que venha a ser criado” (REBELO, 1999) como forma de se obter uma identidade “própria” e não um apoderamento da língua em questão.

No ponto de vista de Carlos Alberto Faraco, evidencia-se, ainda, o fato de a língua no Brasil não ser apenas uma questão linguística, mas também política, na medida em que ela atravessa diretamente e afeta profundamente inúmeras situações sociais, pois se criam, assim, barreiras na comunicação a partir do momento em que não há instaurado no espaço público um indispensável embate entre os múltiplos discursos que dizem a língua no Brasil (FARACO, 2001, p. 39).

Com base nesses dois pólos distintos citados acima, faremos uma sucinta análise acerca de dois excertos retirados da revista *Vogue Brasil*.

No primeiro excerto: “[...] Isso requer competência, feeling, pesquisa profunda, certa dose de audácia.” (*Vogue Brasil*, ed. 433, p. 61) a editora-chefe da revista, Daniela Falcão, utiliza a expressão *feeling* como maneira de especificar um sentimento conciso e específico sobre determinado assunto e se, nesse contexto, fôssemos utilizar a tradução livre do termo, que é “sentimento”, acarretaria em uma interpretação vaga e que, por sua vez, não expressaria o real significado expresso pela jornalista.

Para a segunda análise, temos o seguinte excerto: “Na Chanel, Karl Lagerfeld, que já tinha subvertido recentemente as convenções ao usar luxuosos tênis custom made de um jeito meio anárquico [...]” (*Vogue Brasil*, ed. 433, p. 64) cujo autor utiliza a expressão *custom made* apenas para dar um toque “estiloso” ao texto, uma vez que a tradução literal, que é “personalizado”, poderia ter sido utilizada sem maiores problemas, já que não causaria estranhamento e/ou falhas na interpretação e o sentido permaneceria o mesmo.

Com isso percebemos que, em alguns casos, certas expressões apenas são utilizadas para manter-se a tradição norte-americana e não pela inexistência de um significado traduzido para o português.

Conclusão

Ao longo do trabalho, conseguimos observar com clareza que o empréstimo linguístico é algo presente em nossa cultura há muito tempo e que mesmo afetando, de certa forma, o desenvolvimento de nossa língua materna, torna-se um facilitador para que outras culturas sejam inseridas em nosso cotidiano.

Referências

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Holt, 1933.

FARACO, Carlos Alberto. Guerras em torno da língua: Questões de política linguística. **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. Ipiranga: Parábola Editorial, 2001. p. 37-47.

REBELO, Aldo. Projeto de Lei 1676/1999. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=17069>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

TORII, Renata. **Os processos de integração dos empréstimos linguísticos em português**. 2007. 184f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2007. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103612/torii_r_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 nov. 2014.

VOGUE BRASIL. Edição 433, set./2014.

"BACHA-
RELLA"

-E-

"MESTRA"

LARISSA AKABOCHI DE CARVALHO

larissa.akabochi@gmail.com

USO DAS PALAVRAS “BACHARELA” E “MESTRA”: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Resumo: Embora alguns gramáticos reconheçam a existência das palavras “Bacharela” e “Mestra”, elas ainda são pouco utilizadas na linguagem cotidiana. Através de uma pesquisa realizada pela análise das informações contidas no currículo Lattes de docentes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual de Campinas, foi possível perceber que esse desuso acontece até mesmo no âmbito universitário. Acredita-se que isso se deve à associação que as pessoas fazem entre essas palavras e outros elementos linguísticos e a fatores culturais que tratam o sexo masculino como o neutro.

Palavras-chave: Mestra. Bacharela. Currículo Lattes. Gramática tradicional. Gênero.

Introdução e problematização

Algumas gramáticas tradicionais reconhecem o uso das palavras “Bacharela” e “Mestra” como os correspondentes femininos de “Bacharel” e “Mestre”. Porém, é muito comum as pessoas utilizarem a forma masculina dessas palavras tanto para homens como para mulheres. Isso ocorre na fala e também na escrita, sinalizando uma interpretação equivocada a respeito da concordância de gênero.

Neste texto, serão apresentados alguns exemplos do uso inadequado desses termos por meio da análise do currículo Lattes de algumas professoras universitárias. O objetivo é discutir esse fenômeno de um ponto de vista linguístico e dizer que, apesar de não estar de acordo com a gramática tradicional, esta é uma possibilidade presente na língua portuguesa e que não possui barreiras de interpretação pelos outros falantes do idioma.

Uma hipótese para a utilização do termo masculino como se ele fosse neutro é que as pessoas, em geral, ainda são fortemente influenciadas por fatores culturais machistas, ou seja, que privilegiam os homens em detrimento das mulheres. Desse modo, o silenciamento das palavras “Bacharela” e “Mestra” não é por acaso e ocorre por influência da cultura em nossa sociedade. Outra hipótese seria a associação que os falantes fazem da palavra “Mestre” com outros elementos linguísticos.

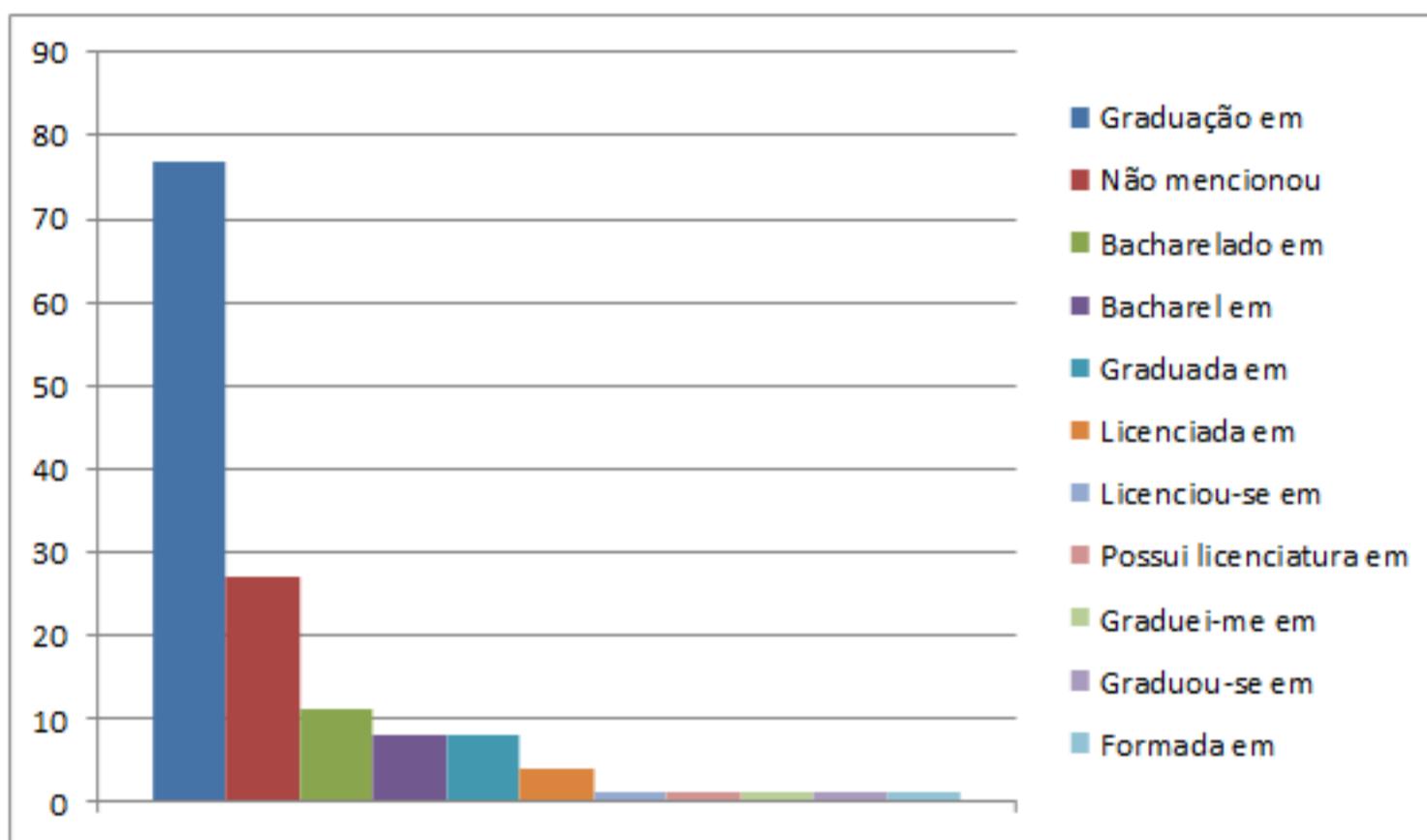
Corpus

Neste trabalho, o *corpus* escolhido para análise foi o currículo Lattes de docentes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – campus Araraquara), Universidade de São Paulo (USP – campus Butantã) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Considerou-se a presença ou não das palavras “Bacharela” e “Mestra” na descrição pessoal do currículo Lattes

de algumas docentes dessas instituições.

Do total de 140 currículos analisados, foram verificadas diferentes formas de se dizer que terminou a graduação e o mestrado, mas nenhuma das docentes utilizou as palavras “Bacharela” e “Mestra”. Dentre elas, 77 utilizaram “Graduação em”, 11 “Bacharelado em”, 8 “Bacharel em”, 8 “Graduada em”, 4 “Licenciada em”, 1 “Licenciou-se em”, 1 “Possui Licenciatura em”, 1 “Graduei-me em”, 1 “Graduou-se em”, 1 “Formada em” e 27 não mencionaram a graduação.

Gráfico 1 - Graduação

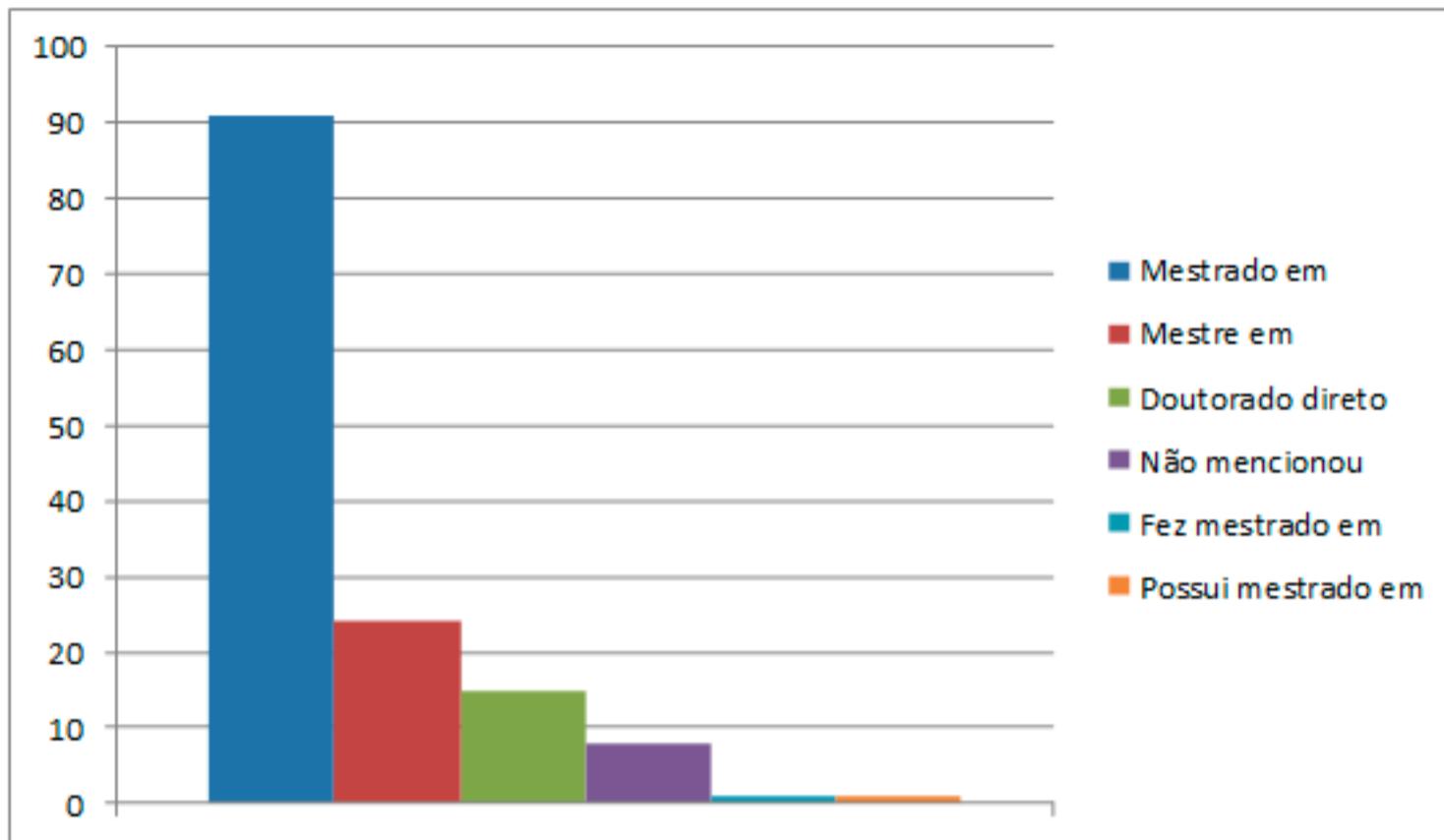


Fonte: Elaboração própria

É importante salientar também que a modalidade da licenciatura é diferente da de bacharelado. Portanto, é preciso fazer uma ressalva em relação às docentes que disseram “Licenciada em”, “Licenciou-se em” e “Possui Licenciatura em”. Nesses casos, não teria como elas dizerem que eram bacharelas.

Quanto ao mestrado, 91 utilizaram “Mestrado em”, 24 “Mestre em”, 1 “Fez Mestrado em”, 1 “Possui Mestrado em” e 8 não mencionaram. Além disso, 15 disseram ter feito o Doutorado direto.

Gráfico 2 - Mestrado e doutorado



Fonte: Elaboração própria

Desse modo, foi observado que esses termos realmente são bastante desconhecidos, até mesmo entre as pessoas que seguem a carreira acadêmica. No caso dessa amostra de 140 docentes, a maioria preferiu utilizar “Graduação em” e “Mestrado em” ao invés da forma flexionada do gênero. Além disso, quem decidiu flexionar fez isso de maneira equivocada, ou seja, utilizando os masculinos “Bacharel” e “Mestre” quando deveria utilizar “Bacharela” e “Mestra”, de acordo com a gramática tradicional.

Embasamento teórico

O homem foi, historicamente, representado como o positivo e o neutro, a ponto de muitas pessoas dizerem “os homens” para designar os seres humanos. Desse modo, a humanidade constituiu-se pelo masculino e o homem definiu a mulher não em si, mas relativamente a ele, desconsiderando-a como um ser autônomo. A mulher foi determinada e diferenciada em relação ao homem e não este em relação a ela. A fêmea seria o inessencial perante o essencial. O homem seria visto como o Sujeito e o Absoluto, enquanto ela se constituiria como o Outro (BEAUVOIR, 1970, p. 9-10).

Nesse sentido, o fato de muitas pessoas utilizarem o masculino como neutro

provém de uma perspectiva histórica baseada na ideia de que as mulheres são subalternas em relação aos homens. A língua se desenvolve por meio de convenções sociais e, devido ao machismo presente na maioria da sociedade, o que acabou predominando foi o masculino. É por isso que muitos indivíduos dizem a palavra “todos” ao invés de “todas” quando em um determinado local existem homens e mulheres. E este é apenas um exemplo. Quando as pessoas dizem ou escrevem a palavra “Mestre” para se referir a uma mulher, isso também não acontece de modo aleatório. Existem razões culturais envolvidas nesse processo.

Porém, de acordo com estudiosos como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla e Artur de Almeida Torres, é gramaticalmente correto utilizar a palavra “Mestra” para as pessoas do sexo feminino e não “Mestre”, visto que esta forma é indicada apenas para o sexo masculino.

A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como mestra, professora, médica, advogada, engenheira, psicóloga, filóloga, juíza, entre tantos outros. (BECHARA, 2000, p. 134)

Desse modo, o autor deixou bem claro, sem problemas de entendimento para os leitores e leitoras, que a palavra “Mestra” surgiu devido aos avanços profissionais das mulheres. Se ainda hoje esta palavra não foi popularizada, deve ser por conta do preconceito implícito na sociedade brasileira. Outros livros também trazem a mesma informação de Bechara (2000), entre eles a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, de Cegalla (2008) e a *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*, de Torres (1981).

Quanto à palavra “Bacharela”, renomados gramáticos admitem que esta é uma forma aceita pela norma culta. Assim, o “correto” seria optar por este termo ao se referir a mulheres que já terminaram uma graduação na modalidade de bacharelado. “Tal afirmativa torna-se ainda mais reforçada quando consultamos o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa) e constatamos que o substantivo bacharel possui sua forma feminina” (DUARTE, 201-?). Porém, embora Duarte (201-?) tenha dito que autores como Cegalla e Sacconi admitem o termo “Bacharela”, não foi possível encontrar uma gramática que possuísse esta informação. De qualquer modo, seguindo a lógica de Bechara (2000), este termo também deveria ser incorporado à língua portuguesa.

Análise do fenômeno

É bem provável que as docentes analisadas tenham utilizado as palavras “Bacharel” e “Mestre” porque elas fizeram uma associação com outras palavras que podem ser usadas tanto para homens como para mulheres. É o caso de

“estudante”, visto que se pode dizer “o estudante” e “a estudante”. Outra razão seria a forte influência da cultura machista na sociedade brasileira, ainda que de modo camuflado ou implícito. Contudo, o uso de “Bacharel” ou “Mestre” para mulheres não causa problemas de compreensão pelos falantes.

O fato de as próprias docentes não utilizarem esses termos apresenta indícios de que eles não costumam ser muito conhecidos, inclusive no âmbito acadêmico. Apesar disso, desde abril de 2012 existe a lei 12.605 que obriga as universidades a emitir diplomas com os termos “Bacharel” e “Mestre” para os homens e “Bacharela” e “Mestra” para as mulheres (BIANCHINI, 2012). Talvez, com esta medida, daqui a um futuro próximo esses termos serão mais divulgados e reconhecidos pela população.

Conclusão

Embora as gramáticas prezem por determinadas formas de uso da língua, nem sempre as pessoas seguem esses parâmetros. Muitas vezes, devido a fatores culturais e sociais ou pela associação com outros elementos linguísticos, o falante opta por uma forma de dizer que é diferente das normas gramaticais. Em geral, quando isso acontece, ele é compreendido pelos outros falantes e a comunicação é estabelecida.

No caso do uso das palavras “Bacharela” e “Mestra”, foi verificado que nenhuma das docentes optou por esses termos. Desse modo, a hipótese de que essas palavras ainda são bem pouco utilizadas foi comprovada. Espera-se, no entanto, que elas comecem a ser incorporadas na linguagem cotidiana, visto que é importante sinalizar a existência dos termos femininos para que eles não sejam silenciados pelo masculino. Acreditar que as palavras masculinas são neutras é uma visão machista a respeito da linguagem. A língua é algo dinâmico e também deve acompanhar as mudanças da sociedade.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BIANCHINI, A. Flexão de gênero. Espaço da mulher. Questão de democracia. **JusBrasil**, 2012. Disponível em: <<http://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121814181/flexao-de-genero-espaco-da-mulher-questao-de-democracia>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**.

São Paulo: Editora Nacional, 2008.

DUARTE, Vânia. Bacharel ou Bacharela? **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/gramatica/bacharel-ou-bacharela.htm>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

PLATAFORMA LATTES, CNPQ. **Currículo Lattes**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

TORRES, Artur de Almeida. **Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

UNESP. Faculdade de Ciências e Letras. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/#!/departamentos/>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

UNICAMP. Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/#>>. Acesso em: 07 jan. 2015

USP. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Disponível em: <<http://fflch.usp.br/>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

BEBEUDA
PRIMEIRA
FONTE QUE
ENCONTROU
ESSE DIRIA
PREFEITURA

ANA LUÍSA COLETTI RICCI

anacolricci@hotmail.com

LITERATURA EM QUADRINHOS: DIFERENÇAS LINGUÍSTICAS COM OS ORIGINAIS

Resumo: Este texto busca demonstrar, por meio da comparação, as diferenças que podem ser reveladas entre uma obra clássica da literatura e sua releitura em forma de histórias em quadrinhos. Além das diferenças entre os textos, será feita uma breve análise das possíveis vantagens e desvantagens do uso de histórias em quadrinhos no ensino da literatura no Ensino Médio e Ensino Fundamental II, levando em consideração a leitura dinâmica e agradável desse gênero textual e as falácias que, inevitavelmente, surgem com relação ao texto original.

Palavras-chave: Quadrinhos. Literatura. Originais. Diferenças. Clássicos.

Introdução e problematização

O tema escolhido para este projeto foi as diferenças linguísticas apresentadas entre uma obra literária e sua releitura em história em quadrinhos, de modo que abordaremos as principais diferenças entre elas no que diz respeito ao conteúdo e ao efeito de sentido produzido pelo texto original.

Para a análise comparativa, foi escolhido um trecho de *Os Miseráveis* (HUGO, 2007), referente à passagem selecionada da história em quadrinhos (HQ) em questão (*Os Miseráveis*, HUGO, 2012).

Serão analisadas as diferenças entre os textos (se há exclusão ou adição de passagens), diferenças de linguagem e gramática e diferenças espaciais (disposição dos parágrafos em frases).

Sobre tal estudo, foi formulada a hipótese de que essas mudanças entre a história em quadrinhos e o texto original ocorrem devido à limitação espacial apresentada pelo primeiro (espaço limitado que deve ser dividido entre texto verbal e ilustrações), público-alvo (normalmente adolescentes que preferem uma leitura facilitada de obras complexas e densas) e objetivo da obra.

Enquanto o original, como é o caso de *Os Miseráveis*, busca inovar, de certa forma, a literatura, utilizando-a como um meio de crítica social, a HQ se mostra apenas um meio de releitura do original, tornando-o menos denso e mais agradável de ser lido quando há pouco texto verbal e o auxílio das ilustrações, mais acessíveis, talvez, aos leitores desacostumados com obras literárias mais complexas.

Corpus

Este trabalho é composto pelo seguinte corpus:

- *Os Miseráveis* (HUGO, 2007):



O trecho analisado da história em quadrinhos é o seguinte (p.80-81):

Nos primeiros dias de outubro de 1815, mais ou menos antes do pôr do sol, um homem que viajava à pé...

... Chegou à cidadezinha de Digne...

Parecia estar muito cansado.

Bebeu da primeira fonte que encontrou e se dirigiu à prefeitura.

Saiu quinze minutos depois e saudou um gendarme que lá se encontrava.

Sem responder à saudação, o gendarme o seguiu com os olhos.

Trecho analisado da obra *Os Miseráveis* de Victor Hugo:

LIVRO SEGUNDO

A Queda

No fim de um dia de marcha, num dos primeiros dias do mês de Outubro de 1815, uma hora antes do pôr-do-sol, entrou na cidade de Digne um homem que viajava a pé. Os raros habitantes que a essa hora se encontravam às janelas ou às portas de suas casas, observavam o viajante com uma espécie de inquietação. Seria, na verdade, difícil encontrar viandante de aspecto mais miserável. Era um homem ainda no vigor da idade, de estatura mediana e robusto. Poderia ter, quando muito, quarenta e seis ou quarenta e oito anos. Escondia-lhe parte do rosto, crestado pelo sol e a escorrer em suor, um boné de pala de couro. A camisa, de linho grosseiro e amarelado, apertada no pescoço por uma pequena âncora de prata, deixava-lhe a descoberto o peito cabeludo; trajava calças de cotim azul, muito velhas, coçadas, brancas num joelho e rotas no outro, uma esfarrapada blusa parda, tendo num dos cotovelos um remendo de pano verde, cosido com cordel. Servia-lhe de gravata um lenço torcido, enrolado em volta do pescoço. Calçava sapatos forrados, sem meias, e trazia às costas uma volumosa mochila de soldado, em bom estado e muito apertada, e na mão um enorme cajado nodoso. Afora isto, trazia a barba crescida, os cabelos eram raros e eriçados, mas parecia não terem sido cortados havia muito tempo. O suor, o calor, a poeira, a viagem a pé, acrescentavam ainda uma estranha sordidez a este conjunto de andrajos.

Ninguém o conhecia. Era evidentemente um forasteiro. De onde viria? Do Meio Dia; talvez da beira-mar, pois entrava em Digne pela mesma rua onde, sete meses antes, tinham visto passar Napoleão, ao ir de Cannes para Paris. A julgar pelo cansaço de que dava mostras, aquele homem devia ter caminhado todo o dia. Algumas mulheres do antigo bairro situado à entrada da cidade tinham-no visto parar ao pé das árvores do boulevard Gassendi e beber água na fonte que fica na extremidade do passeio. Grande devia ser a sua sede, pois que, dali a cem passos, alguns rapazes, que foram atrás dele, viram-no beber novamente na fonte da praça do Mercado.

Chegando à esquina da rua de Poichevert, tomou à esquerda e principiou a caminhar em direção à mairie, para onde entrou. Um quarto de hora depois, tornou a sair. À porta estava sentado um gendarme, no mesmo banco de pedra a que o general Dronot subira no dia 4 de Março, para ler à multidão assustada de Digne a proclamação datada do golfo Juan. O desconhecido tirou o boné e cumprimentou humildemente o gendarme. Em vez de corresponder ao cumprimento, o soldado examinou-o com atenção e, depois de o seguir algum tempo com a vista, entrou na mairie.

Embasamento teórico

Neste trabalho, não haverá uma Gramática, de fato, que embase as hipóteses por ele apresentadas, posto que as obras estudadas em questão funcionarão como *corpus* e embasamento teórico. Isto porque este trabalho utiliza o estudo comparativo de ambas as obras no que diz respeito ao seu conteúdo (adição ou extração de aspectos narrativos essenciais ou não na obra original em questão)

O fato de uma gramática não ser utilizada nesta pesquisa é que não há tal que explique ou preveja este fenômeno de mudança de linguagem entre uma obra da literatura e seu equivalente em, no caso, história em quadrinhos.

Análise do fenômeno

De acordo com a análise do trecho do romance de Victor Hugo e da história em quadrinhos que o parafraseia, foi possível notar que, no romance, a riqueza de detalhes descritivos é imensamente maior que na HQ. Enquanto no original podemos imaginar de uma forma mais realista e complexa a situação narrada, vendo-lhe a verossimilhança latente, na HQ nos são apresentadas ilustrações e textos que não exprimem todos os detalhes descritos no romance. Isto porque, por mais belas que sejam as imagens, elas são fruto, essencialmente, da imaginação do ilustrador e é somente dele aquela interpretação. Quanto ao texto na HQ, este será muito comprimido com relação ao original, mostrando, na grande maioria das vezes, apenas ações rápidas, desprovidas de uma descrição que passe de quinze palavras.

A diminuição do texto escrito na HQ é imprescindível, pois este gênero possui a ilustração (os quadrinhos) como seu principal meio narrativo, além de sua leitura leve e dinâmica exigir uma estrutura mais visual.

Conclusão

Com a análise de ambos os trechos estudados, foi possível comparar e verificar suas diferenças e semelhanças, sobre as quais conclui-se que, apesar de ser um meio mais chamativo e, talvez, aprazível de apresentar a Literatura Clássica a adolescentes e indivíduos que não apreciam leituras muito extensas e complexas, as histórias em quadrinhos deixam uma lacuna gigantesca em relação ao conteúdo e à essência da obra original, da qual fazem paráfrases.

Isto ocorre porque as HQs apresentam limite de espaço, tanto no que diz respeito a páginas quanto ao texto verbal, enquanto o romance rompe com esse limite material e imaginário, quando não se limita a poucas páginas ou palavras para descrever um mundo de objetos e emoções que não precisam, essencialmente, de ilustrações que os representem, posto que o leitor pode e deve imaginá-los - algo que o fará submergir no universo fictício, compreendendo de maneira mais completa os sentimentos, críticas e fatos que permeiam o romance.

Referências

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007. p.80-81.

_____. **Os Miseráveis** (HQ). Tradução e adaptação de Alexandre Boide. São Paulo: Editora L&PM EDITORES, 2012.

SEIÔ TOMÉ
SE BERRBANA
SO BERRBANA
[...] EU, BEBIA

BRUNA BARROS PESSOA

brunabpessoa@hotmail.com

AS VÍRGULAS EM GUIMARÃES ROSA: A PROSÓDIA COMO JUSTIFICATIVA DO USO

Resumo: Neste trabalho é feita uma análise gramatical do uso da vírgula em cinco contos de *Tutaméia* de Guimarães Rosa. A partir desta análise, feita de acordo com a *Gramática Houaiss*, foi percebido que o autor utiliza-se da vírgula até mesmo em casos de agramaticalidade, que se justifica (no caso de ser o autor Guimarães Rosa), pelo uso estilístico e prosódico da pausa.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Prosódia. Pontuação. Literatura brasileira.

Introdução e problematização

Os textos literários de João Guimarães Rosa são marcados pela musicalidade das palavras e pela minuciosidade da pontuação. Como se pode notar ao ler seus contos e romances, os sinais gráficos permeiam toda sua obra, sendo uma de suas características mais marcantes. De apóstrofos a dois pontos, de travessão a reticências, a escrita rosiana não mostra economia desses sinais, muito menos da vírgula, objeto de estudo desta pesquisa.

Entretanto, na obra de Guimarães Rosa encontram-se muitos casos de uso incorreto (do ponto de vista da gramática normativa) dessa marca gráfica de pontuação, sinalizando que o uso da vírgula é justificável pelo autor, acima das regras gramaticais, para a marcação prosódica e estilística de seu texto.

O objetivo deste trabalho é discutir tal fenômeno como uma possibilidade dada pela língua portuguesa, ou seja, mesmo “desrespeitando” a regra gramatical, o texto é compreendido por seus leitores.

Corpus

Para a elaboração deste trabalho, foram escolhidos os cinco primeiros contos do livro *Tutaméia*. Este livro foi escolhido em detrimento de *Primeiras estórias* ou de *Sagarana* pois buscou-se contos em que o uso da pontuação fosse o mais variado e de maior complexidade possível, que atingissem o nível de “excepcional habilidade”, como diz Paulo Ronái no prefácio da 8ª edição e reafirma que “as maiores ousadias desse estilo, as que o tornam por vezes contundente e hermético, são sintáticas” (ROSA, 2001, p. 24).

Foram encontrados casos de agramaticalidade em três deles, a saber, nos contos: “Antiperipléia”, “Arroio-das-Antas” e “Como ataca a sucuri”.

Embasamento teórico

Neste trabalho, a seguinte obra foi selecionada para embasar a discussão teórica: *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, de José Carlos de Azeredo

(2009).

Na gramática escolhida, a regra de uso da vírgula é apresentada da seguinte forma:

A vírgula é tipicamente empregada nos casos de:

a) separação de orações ou termos coordenados sem a utilização de conectivo (coordenação assindética).

Obs.: nas orações introduzidas pela conjunção *e*, pode-se empregar a vírgula;

b) aposição explicativa ou circunstancial em geral;

c) separação do vocativo;

d) separação do adjunto adverbial anteposto. Opcional quando o adjunto é um advérbio ou Sprep. estritamente circunstancial (de tempo, lugar ou modo), a vírgula se torna, porém, necessária se o adjunto tem função modalizadora ou é uma oração, desenvolvida ou reduzida.

Obs.: Pode-se separar ou isolar por vírgula o adjunto adverbial na sua ordem natural, quando se quer realçá-lo;

e) antecipação (topicalização) de um termo que será retomado por pronome;

f) uso de palavras e locuções que expressam conexões discursivas em geral (adição, explicação, contraste, compensação, retificação, encadeamento, conclusão, ratificação etc.);

g) elipse do verbo em estruturas de coordenação;

h) separação de oração coordenada que não seja aditiva;

i) acréscimo de oração justaposta para o registro de algum ato de fala (neste caso, também se usa o travessão);

j) emprego de coordenações por processo correlativo em geral;

k) separação de orações reduzidas que não sejam constituintes imediatos de um termo da oração principal. (AZEREDO, 2009, p. 520-523)

Análise do fenômeno

I - Inicialmente, iremos analisar o conto que abre a coletânea: “Antiperipléia”. Vejamos o trecho com o caso aparente de agramaticalidade:

Para mim, cada mulher vive formosa: as roxas, pardas e brancas, nas estradas. Dele gostavam — de um cego completo — por delas nem não poder devassar as formas nem feições? Seô Tomé se soberbava, lavava com sabão o corpo, pedia roupas de esmola. **Eu, bebia.** (ROSA, p. 42, grifo nosso)

Como se sabe, não se separa sujeito de predicado com vírgula¹. O que vemos aqui é essa separação. A seguir, temos uma explicação para o uso dessa vírgula, feita por Aira Suzana Ribeiro Martins em sua tese de doutorado:

¹ NICOLETI, Thaís. Vírgula não pode separar sujeito de predicado. UOL Educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/dicas-portugues/virgula-nao-pode-separar-sujeito-de-predicado.jhtm>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

As unidades rítmicas mostram a delimitação das unidades de sentido. Além de, no plano fonológico, as passagens reproduzirem a cadeia falada, elas estão estreitamente relacionadas com as frases anteriores. **A vírgula, se por um lado, recria as pausas da oralidade no texto escrito, por outro lado, é um índice que acumula todas as informações presentes nas frases anteriores de cada passagem. A vírgula dos enunciados “Eu, posso.” [...] remete o leitor ao contexto e essas frases trazem uma conclusão de tudo que foi dito anteriormente. Em outras palavras, os personagens estariam dizendo: quanto a mim, bebia [...].** A vírgula, nos enunciados, seria um modo de o autor acenar para o leitor, numa volta à enunciação, onde estão registradas todas as informações necessárias à compreensão das passagens. (MARTINS, 2006, p. 55, grifo nosso)

Portanto, não devemos considerar esta oração como agramatical, pois o contexto justifica seu uso. Vejamos a próxima, ainda deste conto:

A mulher viu o cego, com modos de não-digas, com toda a força guardada. Essa era a diversa, muito fulana: feia, feia apesar dos poderes de Deus. Mas queria, fatal. Ajoelhou para me pedir, para eu ao meu Seô Cego mentir. Procedi. – **“Esta é bonita, a mais!” – a ele afirmei, meus créditos.** (ROSA, 2001, p. 43, grifo nosso)

No trecho negritado, podemos entender este período com duas construções sintáticas possíveis:

1) Se o verbo afirmar for considerado bitransitivo, com o sentido de 1. Dar por certo; 2. Corroborar (o que outro diz); 3. Tornar firme; 4. Sustentar, o sintagma **meus créditos** será o objeto direto, **a ele** será o objeto indireto, e a vírgula será desnecessária.

2) Se, no entanto, o mesmo verbo for classificado como intransitivo, com o sentido de declarar ser verdade, dizer com convicção, assegurar² (o que, dado o contexto, é o mais plausível, pois o narrador não dá a entender que Seô Cego houvesse lhe perguntado da beleza da mulher), ele aparece associado a uma oração subordinada completiva³, no sentido de **afirmei a ele que esta é a mais bonita.**

Considerado desta forma, o sintagma meus créditos precedido de vírgula se justifica pelo recurso chamado topicalização ou estrutura tópico-comentário⁴.

² “afirmar”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/afirmar>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

³ PEDRO, Lúcia Vaz. A preposição: as regências verbais (I). Jornal de Notícias. 26 jan. 2014. Disponível em: <http://www.jn.pt/Dossies/dossie.aspx?content_id=3650569&dossier=Portugu%EA%20atual>. Acesso em: 05 jan. 2015.

⁴ EU POSSO CONTRIBUIR: Um blog sobre comportamento, cultura, variedades e, principalmente, sobre Português Brasileiro! Topicalização.... Disponível em: <<http://eupossocontribuir.blogspot.com.br/2014/03/topicalizacao.html>>.

II – No conto “Arroio-das-Antas” encontramos o seguinte exemplo:

Tramavam já com Deus, em bico de silêncio, as quantas criaturas comedidas. De vê-la a borrar, doíam-se, passarinho na muda, flor, que ao fim se fana; nem podendo diverti-la, dentro em si, desse desistir. **Mas, pretendiam mais.** Tomavam, todas juntas, a fé de mortificadas orações, novenas, nômimas, setêmplices. (ROSA, p. 48, grifo nosso)

Como uma justificativa para o uso da vírgula neste caso não é encontrada na *Gramática Houaiss*, buscou-se a norma de uso da conjunção **mas**. Foi encontrada a seguinte explicação do Prof. Laércio Lutibergue no *website* Português na Rede⁵:

Quando a conjunção “mas” aparece no início do período, a conversa é outra.

Aqui, só haverá vírgula depois dela se houver uma frase intercalada separando-a do resto da oração da qual ela faz parte.

Observe os exemplos:

Mas, apesar dos esforços, a meta não foi alcançada.

Mas, reconhece o ministro, o Brasil precisa economizar mais energia.

Mas, se o quadro não for alterado, o apagão é inevitável.

Veja que em todos os exemplos aparece uma frase entre vírgulas.

Esse detalhe é muito importante, porque uma única vírgula depois do “mas” que inicia período é indicativo de erro.

Isto é, se não forem duas vírgulas, a pontuação provavelmente estará equivocada.

Como podemos ver, encontramos aqui o primeiro caso (nesta análise) de agramaticalidade justificado pela prosódia.

III – Por fim, no conto “Azo de almirante”, há a seguinte passagem:

Ajuntou canoas e acudiu, valedor, dado tudo, sabendo lidar com o fato, o jeito de chefe. Ímpetos maiores nunca houve, coisa que parecia glória. **Salvou, quantidade.** Voltado porém da socorreria, não achou casa nem corpos das filhas e mulher, jamais, que o rio levara. (ROSA, p. 55, grifo nosso)

Temos, desta vez, um verbo transitivo direto (salvou) separado, por vírgula,

Acesso em: 05 jan. 2015

5 LUTIBERGUE, Laércio. A vírgula de “mas”. Português na rede: seu tira-dúvidas de língua portuguesa na internet. Disponível em: <<http://www.portuguesnarede.com/2011/10/virgula-de-mas.html>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

de seu complemento (quantidade). Pelas normas gramaticais, esta ocorrência deve ser evitada⁶.

Semanticamente, podemos inferir que o sujeito, chamado Hetério, salvara grande quantidade de pessoas durante uma enchente. Não podemos levar em conta que a palavra **quantidade** se refere aos ímpetos maiores e à glória, funcionando como adjunto adverbial de intensidade. Primeiro, que o objeto do salvamento não aparece no conto antes nem depois desta colocação; sabemos que é o povo da vila, mas não porque o objeto direto desta oração está oculto ou implícito. Segundo, mesmo que **quantidade** fosse o adjunto adverbial de um objeto implícito (grande quantidade de pessoas), ele estaria relacionado ao núcleo do objeto (no caso, pessoas), fazendo parte de todo o sintagma.

Este é, então, o segundo caso de agramaticalidade justificado pela prosódia encontrado nestes poucos contos do escritor Guimarães Rosa.

Conclusão

Como diz Martins (2006, p. 66-67),

O estudo da vírgula mostrou, ainda, que o ritmo semelhante ao da oralidade que se observa no texto rosiano é resultado da inversão dos elementos da frase e não a simples recriação da oralidade. Esse sinal de pontuação também possibilita ao autor utilizá-lo para substituir outros sinais de pontuação, causando interessantes efeitos no texto escrito.

Podemos concluir que o escritor João Guimarães Rosa utiliza-se da vírgula para marcar as pausas da língua falada, ou seja, para marcar a prosódia de seus personagens, podendo ela aparecer entre sujeito e predicado, entre verbo e complemento. O que nos revela que a língua falada nos textos literários de Rosa possui maior importância do que as normas gramaticais.

Referências

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2009. p. 520-523.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. O uso da vírgula e seus pré-requisitos. Português: o seu sítio da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.portugues.com.br/gramatica/o-uso-virgula-seus-pre-requisitos-.html>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

⁶ DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. O uso da vírgula e seus pré-requisitos. Português: o seu sítio da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.portugues.com.br/gramatica/o-uso-virgula-seus-pre-requisitos-.html>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

EU POSSO CONTRIBUIR: Um blog sobre comportamento, cultura, variedades e, principalmente, sobre Português Brasileiro! Topicalização... Disponível em: <<http://eupossocontribuir.blogspot.com.br/2014/03/topicalizacao.html>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

LUTIBERGUE, Laércio. A vírgula de “mas”. **Português na rede: seu tira-dúvidas de língua portuguesa na internet.** Disponível em: <<http://www.portuguesnarede.com/2011/10/virgula-de-mas.html>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

MARTINS, Aira Suzana Ribeiro. A **pontuação não-gramatical de Guimarães Rosa: um estudo semiótico.** 2006. 167f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp149841.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

NICOLETI, Thaís. Vírgula não pode separar sujeito de predicado. **UOL Educação.** Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/dicas-portugues/virgula-nao-pode-separar-sujeito-de-predicado.jhtm>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

PEDRO, Lúcia Vaz. A preposição: as regências verbais (I). **Jornal de Notícias.** 26 jan. 2014. Disponível em: <http://www.jn.pt/Dossies/dossie.aspx?content_id=3650569&dossier=Portugu%20atual>. Acesso em: 05 jan. 2015.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia, Terceiras estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 41-62.

letraria 

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-69395-00-3



9 788569 395003



*Tenha
seu próprio
e-book!*

Acesse:

letraria 

